

ASSIGNATURAS

ANNO 20\$000
 SEMESTRE 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

ESCRITORIO

RUA 12 DE MARÇO, 28.

OFFICINAS

RUA DE S. JOSÉ, 25.

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

O alcandorado estadista que, com um aferro de unhas e dentes, está fazendo a felicidade do Ceará, não tem tempo para cuidar das molestias que devastam a população, a morrer de dôr de barriga; insurge-se contra um benemerito cidadão que se mettu a vaccinar os infelizes expostos ao contagio da variola, por um movimento de caridade, sem exigir remuneração, sem deduzir um vintem dos milhares de contos que s. ex. está accumulando no mealheiro do Estado, com a mesma veracidade daquelles milheiros legados ao sr. Pedro Borges, que teve a maldade de afirmar em relatorio que elles eram ephemerous, sómente existiam na bôa vontade ou na phantasia do seu illustre antecessor.

O patriarchal governo daquelle sabio estadista cearense — attende aos nossos adjectivos, amigo Pangloss — é um primor de regimen autocratico, temperado por uma ternura incomparavel, um grande amor á familia, aos grãos-duquesinhos, que lhe asseguram infinda successão no penoso encargo de fazer do Ceará um paraíso.

Aquillo, porém, que mais seringa o cerebro do grande homem é a manutenção de um corpo de policia. Por maior que seja a sua popularidade, por mais legitimo que seja o seu prestigio, elle pensa, com muita razão, que não ha auctoridade sem força protectora de sua obra benemerita, força passivamente obediente, prompta a executar as suas ordens, sem vacillações numa disciplina automatica.

Não lhe serve a força federal, tanto assim que se oppoz, formalmente, fôsse um dos batalhões do exercito, envenenado pela malaria do Acre, estacionar no territorio do Ceará, para restaurar a saúde escangalhada. Quando soube de semelhante ameaça, s. ex. botou as mãos na cabeça, como se estremecessem os fundamentos da sua

dynastia, e pediu ao ministro da Guerra o livrasse daquelle peste, de contaminar os seus fieis subditos com o terrivel germen do beri-beri, de formar nos seus dominios uma excrecencia, um corpo estranho, fóra das garras do seu poder absoluto e da sua vontade soberana.

Muito escrupuloso da manutenção da sua omnipotencia, o patriarcha cearense tem particular ogerisa a soldado que não vista a sua farda ou, antes, a sua libré, que não seja recrutado dentre os seus costas-largas, de uma abnegação até ao sacrificio, páus para toda obra, formando essa luzida e feróz guarda de pretorianos destinada a manter a ordem publica dentro das potrioticas aspirações do alcandorado chefe, a joia de mais subido valor, o élo mais forte e mais precioso dessa fortissima cadeia de ouro cinzelada pelo sr. Campos Salles, para estrangular o pescoço da Republica—a nefasta politica dos governadores.

A força federal é um espantallo. Ella poderia ser empregada, além de outros mistéres sinistros, em dar braço forte ao juiz federal para a execução de sentenças que não estão de accordo com a jurisprudencia dos interesses politicos, como essas de manutenção das mercadorias nacionaes importadas dos outros Estados, apesar do texto expresso da lei de 11 de junho de 1904, que cerceou a allandega estadoal, essa arapuca para colher as rendas illegaes que formam os magnificos saldos do thezouro cearense.

E' essencial, para a felicidade daquelle abençoado torrão, que o Supremo Tribunal Federal não metta o nariz nos negocios daquelle feudo, que os Accordãos do mais alto, do mais respeitavel tribunal do Paiz, não sejam executados como fórmula juridica obrigatoria. Basta a justiça local, feita á imagem e semelhança do chefe, para adorno, como convém a um povo culto, organizada á maneira de recordar a velha praga: justiça do Ceará te persiga.

O alcandorado estadista não quer ver força federal, nem pintada. Erram-lhe, ainda, na memoria os phantasmas da Escola Militar, que era um fóco de rebeldia, que era um formidavel tropêço á grandiosa obra da felicidade do Ceará. Um batalhão do exercito, mesmo depauperado, enfraquecido, reduzido a algumas praças e poucos officiaes opilados, de figados e baços desformes, de sangue povoado de hematozoarios de Laveran, seria um perigo.

Mas, se o prolifero patriarcha não gosta de soldados federaes, em compensação tem accentuado fraco pela sua policia, as legiões que são augmentadas com o recrutamento eventual de capangas supranumerarios, nos momentos em que a felicidade do Ceará periga, quando chega o momento eleitoral, quando é indispensavel amordaçar a opinião com a eloquencia do terror.

A ultima lei eleitoral não está muito afinada pelas cordas da politica dos governadores; tráz no bôjo o perigo da liberdade do voto, pelos menos para engendrar uma minoria que se metta a perturbar os patrioticos planos da dynastia acciolyna.

Apezar das maiorias apregoadas, obtidas na actual qualificação, maiorias esmagadoras, engendradas pelo correspondente unico de todos os jornaes do Rio, o venerando chefe não está tranquillo; necessita de reforçar a sua invicta milicia, armada, apenas, de carabinas Comblain; necessita de armas que matem em grosso, que varram as massas de canalha da opposição.

Por uma indiscreção do expediente do ministerio da Guerra, ficamos sabendo que «ao governador do Ceará declarou o ministro da Guerra, em resposta a um telegramma expedido pelo mesmo, que não é possivel o fornecimento da metralhadora Nordenfeldt e dos cinco mil cartuchos solicitados, por serem armas dessa especie necessarias ao serviço do Exercito,

pelo que acarretaria prejuizo ao serviço o facto de serem desviadas para outra funcção, estranha a este ministerio.»

O caso é grave, tem as proporções de um apuro, para determinar esse pedido urgente, pelo telegrapho, de uma metralhadora e cinco mil cartuchos, cinco mil tiros que poriam a salvo de qualquer aggressão, de qualquer perigo, a meiga, a patriarcal dynastia.

O sr. ministro da Guerra poderia recusar os instrumentos de destruição solicitados; estava no seu direito; mas foi uma crueldade mandar publicar o despacho de recusa, induzindo os maliciosos a pensarem que o alcandorado não se acha em bons lenções, tanto assim que procurou, secretamente, prover-se de armas devastadoras.

Se está cercado de uma muralha inexpugnável de dedicação, se dispõe de maioria esmagadora, se chovem sobre a sua dynastia as benções da população do Estado, se a opposição representa um diminuto, um fragil grupo de descontentes, de rebeldes, de ingratos, para que essa metralhadora, a quem são destinados os cinco mil cartuchos?

Lendo entre as linhas do inconveniente despacho, percebem-se insinuações desattenciosas, a futilidade do pretexto da recusa, porque uma metralhadora de menos não perturbaria a organisação do exercito, não prejudicaria os seus elementos de força.

A funcção das metralhadoras, no coiro dos cearenses, seria identica e benemerita em seus estragos, disparadas pelos artilheiros do exercito; seria de grande alcance social consolidando a politica dos governadores, — a pedra angular da Republica.

Mas ahí véem as candidaturas presidenciaes e, como uma mão lava a outra, o desparatado, o indiscreto despacho terá resposta condigna.

E' quasi um desaforo, quando se abrem os cofres das graças aos outros Estados, quando se dá um porto á Bahia, negar uma réles metralhadora ao Ceará.

* * *

O caso veio a talho para demonstrar ao illustre senador Katunda que quem vive sob tecto de vidro não deve atirar pedras ao telhado alheio.

S. ex., muito preocupado com os preparativos bellicos de S. Paulo, perguntára ha dias ao senador Glicerio, contra quem se armava a terra de José Bonifacio e do sr. Rodrigues Alves? Agóra, o senador Azeredo, imitando-lhe a manobra, repetiu a questão; o hourado representante do Ceará não achou melhor evasiva senão a de allegar que o patriarcha pretendia armar-se contra futuros quatorze de novembro.

A justificação foi infeliz, e della resultou que o alcandorado está pondo as barbas de molho.

POJUCAN.

A BATALHA DE RIACHUELO

ONZE DE JUNHO

As nações, que amam e querem manter-se livres e dignas, devem, ao raiar dos dias gloriosos do passado, saudal-os com ufania, consagrando-lhes fervoroso culto da religião do patriotismo, consagrando tambem a tradição, que perpetúa sentimentos, energias e jubilos da consciencia nacional.

Esses dias são mais do que datas memoraveis; são brazões de nobreza hereditaria—escudo inquebrantavel da propria liberdade; opulencias de patrimonio, que os posteros não ousarão dissipar; ao contrario, guardal-o-ão com profundo acatamento, senão n'ò augmentarem com desvelo e esforço.

Esta herança é força no presente, que avigorará o porvir: os povos vivem das reminiscencias do passado e perecem pelas fraquezas actuaes.

O 11 de junho é, talvez, uma das mais brilliantes recordações do povo brasileiro: nesse dia, em 1865, ferin-se a famosa batalha de Riachuelo, onde se avantajou o vulto homerico do impeterrito soldado—o velho, e consummado chefe Barroso; onde os officiaes de qualquer graduacão, até os marinheiros obscuros, elevaram-se á culminancia de sobrehumano valor, que se encarnou principalmente em Greenhalg e em Marcilio Dias; onde, impavidos no meio de suffocante e denso turbilhão da fumaça da polvora, ao lampo sinistro de flammejantes espadas, ao retintim mortífero das bayonetas, ao rugido pavoroso das metralhas, ao fulmineo e crebro trôar dos canhões, aos horrisonos embates das prôas dos navios, ergueram-se todos com indomita bravura.

E esta cruzada da civilisação contra a selvageria, affrontam a morte em honra da Patria, em pró da causa augusta e humanitaria da liberdade mo-

derua; em reverencia á dignidade da consciencia, da razão e da justiça, que a brutal furia de um tyranno recalca aos pés e tentava opprimir e nullificar.

Recordar o 11 de junho é fazer a evocação dum passado, em que irradiava a grandeza da alma nacional; em que refulgem as virtudes civicas das gerações que souberam honrar e illustrar o nome brasileiro. Emfim, é renovar no presente uma lição, que será fecunda para o futuro. Em verdade, o povo, que não relembra a sua historia e não procura avivalta-la na memoria da sociedade, naturalmente a esquece e, o que é ainda mais deploravel, corre o risco de perder as virtudes legadas, mostrando não ter a capacidade e o pundonor de conserval-as. Ora, sem o culto de taes virtudes, a liberdade, a honra e a dignidade nacional desaparecem; cáem, miseraveis e cobardes, na abjecção do servilismo, rojando aos pés de despotas hypocritas, ou ferôzes.

Na commemoração dessas datas, não váe sómente o dever de patriotismo: avulta grande utilidade pratica. Os povos que se recordam do seu passado glorioso, esforçam-se em mantel-os tornando-se dignos delle; dahi, a ordem e a observancia das condições indispensaveis á harmonia da vida social.

Na antiguidade, bem se comprehendiam essas vantagens. O Estado fazia uma instituição permanente do culto dos grandes dias nacionaes de Marathonia, (1) e dos feitos de Scipião em Zama (2). Os povos modernos seguiram tão salutar exemplo: entre nós, não ha um só coração, onde pulse o amor da Patria, que não glorifique os anniversarios de Riachuelo. Itororó, Avaluhy, Lomas Valentinias, Pirebebuy, Cuevas, Humaytá, Payssandú, Aquidaban, etc.

E' um acto meritorio e patriotico, digno do applauso e do concurso da Nação inteira, o projecto dalguns brasileiros, que tentam transportar os restos mortaes do vencedor de Riachuelo, para repousar na Patria, á qual deu, com gallardia e heroicidade, um dia de gloria. Os promotores desse tentamen, por certo, querem avivar permanentemente, na memoria do povo, o dia 11 de junho, que symbolisa os prodigios de valor da esquadra que Barroso teve o orgulho de commandar e guiar a uma esplendida victoria.

A guerra andava accesa entre o Brazil e a Republica do Paraguay, por motivos de antigas reclamações, ainda pendentes de parte a parte; por causa dos factos que resultaram da missão Saraiva e que remontam ás necessidades da politica parlamentar do ministerio de 15 de janeiro; da intervenção armada do exercito brasileiro no territorio do Estado Oriental,

e do bombardeio de Paysandú, successos que deixamos de esmerilhar na presente conjuntura.

O dictador Solano Lopez prevê que, dominando a marinha brasileira as aguas do Rio da Prata, ficará o Paraguay completamente bloqueado e não poderá obter recursos bellicos, de que houver necessidade. Urgia, pois, destruir a força maritima do inimigo; dahi, proveria a indiscutível vantagem de ter os movimentos livres e poder tirar ao adversario os proveitos, de que estava de posse. Accrescia ainda mais que o Brazil, senhor do rio, contava com toda a facilidade para mover os seus exercitos e tomar e occupar as posições mais convenientes; tudo isso, que era de grande vantagem a um dos belligerantes, parecia em extremo prejudicial ao outro; assim que disputar a posse do rio era, desde logo, urgentissimo.

Nesse presupposto, resolve assaltar, de roldão, os navios da esquadra, que ameaçava de mais perto as suas posições e acampamentos, e acreditava poder não só vencel-a em combate, como destruil-a cabalmente. E' evidente que, si o exito houvesse correspondido aos desejos, a guerra do Paraguay tomaria outro aspecto, passaria por outras phases, que não é facil determinar, visto as incertezas e os accidentes que sempre cercam a lucta de belligerantes.

Póde-se, porém, calcular, que desastre soffreria o Brazil, si a divisão do chefe Barroso tivesse sido aniquilada.

De feito, o Brazil não acharia franco o transito pelo estuario do Prata, e Lopez não teria abandonado Corrientes, que mandou invadir por um exercito de 27 mil homens com 60 boccas de fogo sob o commando do general Robles, apoderando-se, em 13 de abril, de trez vapores argentinos, coincidindo aquella invasão com outra destinada ao territorio brasileiro.

No desempenho do plano concebido, Solano Lopez ordena ao coronel Bruguez que, com dois mil soldados e 32 canhões, fortifique a linha da barraanca de Riachuelo.

Preparado, assim, o terreno, o Dictador organisa uma divisão, composta de 8 vapores, cujos nomes perpetúa a audaciosa e heroica manobra do Amazonas. Os vapores paraguayos eram: *Taquary, Pirabêbê, Igurey, Salto Oriental, Paraguay, Iporá, Fejuy, Marquez d'Olinda*, acompanhados de 6 chatas e com 54 boccas de fogo e 1400 homens de guarnição; toda essa força seria protegida pela linha do coronel Bruguez na barraanca de Riachuelo.

A esquadra brasileira, nesta coragem, compunha-se tambem de 8 vapores: *Amazonas, Paruahyba, Bel-*

monte, Jequitinhonha, Bebiribe, Araguary, Mearim e Iguatemy, com 66 boccas de fogo, mil homens de guarnição, sob o mando do chefe Barroso.

Lopez confia a sua expedição ao mais capitulado dos seus cabos de guerra — o commandante Meza.

A esquadra paraguaya tinha por principal objectivo descer aguas abaixo e surprender os navios brasileiros. De feito, si o plano tivesse sido fiel e precisamente executado e si não tivessem occorrido os accidentes que embarçam as melhores combinações, quem sabe que resultados obteria a surpresa, quando, por carencia de carvão, quasi toda a guarnição dos navios saltava em terra, indo lenhar nos mattos?... E Lopez, imbuido da persuasão do feliz exito do plano, escreve o seguinte numa carta:

«Mi estimado sr. Berges.

«He recebido sus communicaciones «telegraphicas de ayer dia hasta la ultima de la primanoche, en que me «communica el mal exito de la jornada del dia. Sin el retiro que nuestros «vapores han hecho del Riachuelo, «todo se habria conseguido y la cosa «hubiera tenido otro nombre. La sola «presença de esas embarcaciones hubieran reportado la ventaja que les «ha faltado, pero asi no ha sucedido, «aunque la jornada no ha sido por «eso menos gloriosa, etc.

muy atento
F. S. Lopez.»

Nesta carta, nota-se que o Potentado do Paraguay attribue o máu exito — á el retiro que nuestros vapores han hecho — isto é, naquelle tempo diziam os que militaram no Paraguay que, em consequencia de desarranjo na machina dum dos vapores, a divisão Meza retardára a marcha e não pôde chegar no dia fixado nem fazer a surpresa e aclar os vasos brasileiros desguarnecidos.

La cosa hubiera tenido otro nombre: bem claro está que, em vez de derrota, seria o nome — victoria.

No ha sido por eso menos gloriosa. Aqui não ha vaidade, parece; porque os relatorios do chefe Barroso e dos commandantes dos navios que tomaram parte na peleja, todos proclamaram a coragem, a furia, o heroismo e abnegação dos soldados e marinheiros paraguayos. Não pôde ser o contrario, á vista do sobrehumano esforço, que empregaram os brasileiros para vencer os inimigos. Como Marcilio Dias teria luctado heroicamente e caído golpeado por mortiferos ferimentos si combatesse com inimigos covardes, ou fracos?! A valentia dos brasileiros exaltava-se, excedia-se para oppôr correspondente resistencia á furiosa bravura dos combatentes, que os atacavam. A peleja em Riachuelo foi, de parte a parte, tremenda, feróz e hor-

renda... Si dum lado os propugnadores da cruzada da civilização e da liberdade fizeram prodigios de heroismo, pelo outro lado os sectarios do Dictador, impulsionados pelo ardor do fanatismo, praticaram acções de admiravel valor. Aquelles que combateram em Riachuelo ouviram os applausos das gerações passadas; tém jús á recordação das actuaes; receberão o culto da veneração das posterias.

Aquelles atletas bem mereceram a admiração de seus contemporaneos — admiração que um poeta inspirado exprimiu desta sorte:

*Oh! elles conquistaram a eternidade,
Homens succumbem, resuscitam denses!*

.....
.....

*Brazileiros... Guardai os trophéos santos
Da victoria sem par! Sagrai-lhe cultos!
Vasto, perenne, egregio monumento
Reviva no porvir lamanha gloria! (3)*

Qualquer que seja o juizo, que a posteridade possa formar dos acontecimentos da nossa epocha, das causas e dos motivos da guerra, todavia manterá a expressão do poeta—os bravos que succubiram, em 11 de junho, resuscitarão perante as gerações futuras—*como denses.*

EUNAPIO DEIRÓ.

(Continúa)

(1) Noethe, *De pugna Marathonica*. — Casagrandi, *La Battaglia Marathonica*.

(2) Mommesen, *Zama*.

(3) Noberto de Souza.

SCIENCIA E INDUSTRIA

O nitrato de soda dissolvido em agua para réga de jardins e hortas—Experiencias francezas—Os resultados.

Um jardineiro em Saint-Pierre du Vaudray, na França, depois de empregar, em réga aos seus jardins e hortas, o nitrato de soda dissolvido em agua, verificou que, á proporção de vinte e cinco grammas por metro quadrado de terreno, ou em régas de oito em oito dias, na dóse de trez grammas por litro d'agua, o nitrato de soda activa fortemente a vegetação e o desenvolvimento das plantas.

As experiencias fôram feitas, a principio, nos terrenos plantados de couves, chicoreas, feijões, ervilhas, batatas, etc., depois, sobre hortensias, roseiras, calodions, arvores fructiferas, dando um perfeito resultado. Em 1904, um agricultor de Beuzeville, tambem na França, realisou as mesmas experiencias, com resultados igualmente bons. Notou que as plantas são mais precoces de quinze dias, pelos menos, e, o que é particularmente notavel, as hortaliças provenientes desses terrenos nitrados ficam mais

vigorosas que as dos terrenos não nitrados. Do mesmo modo, as plantas de jardins avigoram muito mais, e abrolham, infinitamente, em flôres, lindas flôres de viço e de perfume.

* * *

Vaccina do cholera. — Vaccina da peste. — Os estudos do prof. Brouardel na Hespanha. — O virus fixo de Haffikine segundo o methodo de Jenner.

Innoculações contra o cholera foram feitas pela primeira vez, na Hespanha, em 1884, pelo dr. Ferran, que empregava, em vez de uma vaccina de natureza fixa, o virus como o encontrava no doente, operação que correspondia ás antigas variolisações empregadas pelos orientaes, antes da descoberta do methodo Jenneriano.

O virus encontrado nos doentes varia em sua natureza, e os resultados obtidos não são constantes. Encontram-se, ás vezes, virus muito fracos para se obter uma immunisação; outras vezes, um virus demasiado forte e por isso perigoso.

O governo francez enviou á Hespanha uma commissão sob a presidencia de Brouardel, e o relatório della foi tal que o methodo de Ferran foi abandonado.

Haffikine se empenhou, então, na tarefa de encontrar um virus fixo, uma vaccina segundo o methodo de Jenner.

Tratava-se de matar, com o virus communicado de uma cobaya a outra, um certo numero desses animaes, dentro de prazo identico: encontrado o virus fixo, era elle inoculado sob a pelle do animal; si não morria, ensaiava-se matar-o pela injeção intraperitoneal; si resistia, estava vaccinado.

Era preciso experimentar, então, a vaccina sobre especies diferentes, o coelho, o pombo; era necessario, para evitar feridas perigosas, attenuar a força da vaccina, além de inocular, a primeira, o animal destinado á immunisação e, a segunda vez, com a vaccina exaltada e, depois destas duas operações, o animal ficava refractario á infecção choleric, mesmo á famosa infecção pelo tubo digestivo.

Esses estudos duraram trez annos, mas era preciso passar do animal ao homem.

Em 1892, houve, em Pariz, uma ligeira epidemia do cholera. Haffikine foi incumbido de autopsiar os mortos da detenção de Nanterre e pôde colher bacillos virgula, com os quaes fabricou vaccina fresca. No dia 18 de julho de 1892, elle injectou em si mesmo no tecido cellular subcutaneo do flanco esquerdo, a primeira dóse de vaccina anticholeric, attenuada, mas de força muito superior á que elle empregava nos animaes. Experimentou certo mal estar, febre, secura da bocca e uma

inflammação local. No dia 24 odr. Roux lhe innoculou uma segunda vaccina de virus exaltado; a temperatura subiu a 38° e, trez dias depois, estava completamente restabelecido.

A vaccina anticholeric podia ser innoculada no homem sem perigo.

No dia 22 de julho, Haffikine innoculou o dr. Sawein, de S. Petersburgo; no dia 25, o dr. Tamamckeff e Wilbonchewitch, chegando com o resultado dessas experiencias a verificar que a vaccina, cuja acção protectora ficára sufficientemente demonstrada nos animaes, nenhum perigo occasionava á saúde do homem. Era de esperar que, seis dias depois da vaccinação, o organismo do homem tivesse adquirido immuniidade contra a infecção choleric.

E' muito simples verificar uma vaccina nos animaes: vaccinam-se vinte e se lhes innocula depois a molestia; innoculam-se, tambem, vinte animaes não vaccinados e estudam-se os resultados: si os vaccinados vivem e os não vaccinados morrem, a efficacia está provada. Em relação ao homem, seria preciso matar um certo numero de individuos, coisa impossivel.

Osr. Stanhope, do *New-York Herald*, fez-se innocular a vaccina anticholeric; transportou-se, depois, a Hamburgo, onde o cholera grassava; deitou-se nos leitos dos mortos, tratou cholericos, lambeu os dedos sem os lavar e não teve a molestia. Mas essa experiencia não resolvia ainda o problema, porque o sr. Stanhope, mesmo não vaccinado, poderia ser refractario ao mal: era indispensavel, para a prova completa, que homens vaccinados e não vaccinados fizessem como elle.

Pasteur, participando da opinião de Haffikine, aconselhou-lhe uma viagem ao extremo oriente, afim de experimentar a vaccina nos paizes onde o cholera era endemico.

Lord Dufferin enviou Haffikine á India, onde havia um serviço medico organizado em Calcuttá; mas a população effeminada dessa região, sem coragem physica, não lhe forneceu uma pessoa que consentisse na vaccina. Foi elle, então, ao norte da India, onde pôde fazer, em população mais energica, 23.000 innoculações. Não era possivel acompanhar todos esses vaccinados. Para verificar a acção da sua vaccina, era preciso que elle innoculasse a metade da população de uma cidade, de uma aldeia, deixando a outra não vaccinada, processo inefficaz num paiz onde a população se desloca facilmente.

Sobreveio um accidente: um dos vaccinados morreu de febre typhoide, determinando terror á vaccina.

Uma epidemia de cholera rebentou nas cercanias dos pantanos de Calcuttá em 1894; allí Haffikine innoculou,

em 10 mezes, 3.478 pessoas. Não podendo observar toda a população, resolveu escolher para isso certas casas de habitantes permanentes, expostas á infecção. Em 76 dellas, innoculou metade dos habitantes; succumbiram 12 vaccinados, contra 72 não vaccinados, sendo de notar que certos vaccinados morreram antes de agir a vaccina, de um a quatro dias depois da innoculação, ou depois de cessada a efficacia — 421, 459, 512, 688, 735 ou 738 dias depois.

Assim, durante o periodo do 4° ao 421° dias, houve, entre 512 não innoculados, 42 obitos, 8,37%; entre os 269 innoculados, 1 obito, 0,37%. Durante o periodo de immuniidade, houve, portanto, 22,62 vezes menos mortos entre os innoculados do que entre os não innoculados.

Dessas numerosas e repetidas observações feitas por Haffikine e medicos inglezes que o acompanhavam, se deduziu, evidentemente, que a vaccina choleric abaixava de modo consideravel de obitos e que a sua acção preventiva durava cerca de 420 dias, periodo que pôde ser prolongado com as dóses mais fortes, actualmente empregadas.

Ao humanitario Haffikine deve-se tambem uma vaccina contra a peste, preparada em 1896, com a qual obteve os melhores resultados no proprio theatro dos seus estudos e observações da immunisação contra o cholera morbus.

A QUEDA DE MUKDEN

Psychologia dos exercitos. — Kuropatkine, generalissimo; Kuropatkine, ministro da Guerra. — A bravura do japonéz e do russo: contrastes.

Ludovic Naudean, com a clarividencia e a brilhante *verve* habituaes, transmittiu ao *Journal*, de Pariz, as seguintes impressões, muito curiosas, sobre a famosa batalha de Mukden:

« As verdades essenciaes dominam as peripecias da historia, illuminam os factos como o Sol a Terra.

A queda de Mukden foi resultante da incapacidade do general Kuropatkine ou da inferioridade do exercito russo comparado com o japonéz?

Reconhecendo a insufficiencia de solidariedade dos seus chefes de corpos, sentindo vergar o arcabouço do seu exercito, sabendo da falta de um systema commun, de uma idéa geral directriz, Kuropatkine se arrojou apaixonadamente á empreza impraticavel de commandar, em pessoa, no campo de batalha, um exercito de quatrocentos mil homens. Por muito se approximar da acção, elle não pôde abarcal-a no todo; por ter querido

vel-a de perto, não viu a batalha: foi victima da vertigem, succumbiu.

Prisioneiro a 11 de março, foi transportado a 13 para a séde do commando em chefe japonéz, em Yentai, doze kilometros ao sul da linha do Shakke.

Os exercitos japonezes, perseguindo os russos em retirada, estavam já a vinte kilometros de Mukden, e Oyama e Kodama permaneciam ainda naquella aldeiola afastada. Estes dois grandes estratégas, ou, antes, os grandes coordenadores dos movimentos dos exercitos japonezes só sabiam da batalha aquillo que Nogni, Oku, Nodzu, Kuroki e Kamavoura lhes communicavam pelo telegrapho de campanha.

O barão de Kodama recebeu-me demoradamente, calmo, falando-me sem excitação; esse homem, cuja intelligencia regulava os movimentos de cinco exercitos, estava tranquillo como um sabio no seu laboratorio.

Eu observei nitidamente, durante os dias passados em contacto com o exercito japonéz, que não é ao genio de um chefe, ao impulso pessoal de um grande capitão, que esse devia a superioridade da sua estrategia. Não é dirigido por um grande homem, mas por uma associação de talentos, de energias, de enthusiasmos, e deve os seus successos á cohesão, á fusão perfeita das vontades individuaes em uma grande vontade collectiva.

A obra de um generalissimo, comprehendida á maneira japoneza, não tem mais analogia, mesmo longinqua, com o papel representado, outr'ora, nos campos de batalha, por um Napoleão, ou um Moltke.

A escolha de um plano de operações não se confia á inspiração exclusiva de um só homem: é o resultado de uma deliberação dos generaes mais eminentes, que examinaram detidamente cada hypothese, sopezaram todas as possibilidades, encararam todas as probabilidades, previram todas as surpresas, compararam todas as informações, afastaram, uma a uma, as incertezas e previram todos os perigos, adoptando, depois, um dispositivo, onde toda a série das modificações, que pudessem ser exigidas por uma iniciativa do inimigo, estava prevista.

O preparo material da batalha não é, tambem, obra de um homem. Quanto mais complicada, quanto mais prolongada e renhida deva ser, demandando em dado momento avançar rapidamente, tanto mais depende, como a concepção inicial, do trabalho de uma collectividade.

A execução do plano geral é confiada aos chefes do exercito, em cujos actos o generalissimo, installado longe do theatro da acção, no centro de uma formidavel rêde telegraphica, intervem, sómente, como regulador, in-

cumbido de velar pela coincidência, pela coordenação perfeita dos esforços e modificar-lhes a direcção de accordo com as eventualidades da lucta.

Altas e nobres qualidades da alma japoneza explicam o exito desse collectivismo guerreiro. Imbuído do sentimento da sua responsabilidade individual até á exaggeração, até se persuadir de que um soldado, quando não cumpre o seu dever, arrisca a nação inteira, o japonéz não tem, todavia, ambição, nem mesmo concepção da notoriedade: basta-lhe ser considerado um bom servidor da patria. Para si, elle não aspira á gloria. Todas as suas concepções de familia e sociedade o levam a se abstrair num conjuncto, a se sacrificar de corpo e alma á grandeza da nação. Si deseja brilhar é sómente como uma das pedras do mosaico social, e tem apenas o sentimento da existencia como componente de um grande todo.

Eis como um pensamento, feito de muitos pensamentos associados, póde dirigir, com tanto exito, a venturosa campanha da Mandchuria, sem se desagregar, sem enfraquecer ao effeito corrosivo de rivalidades, de ciúmes, de odios entre generaes, que, nada desejando para si, nem os mesmos titulos, nem as mesmas honras, dominados pelo pensamento exclusivo de augmentarem a gloria da patria, de servirem ao Estado em vez de se servirem d'elle, não téem jámais motivos de rivalidades.

Nessa collaboração, todos aspiram a submeter-se a todos, para o bem da patria japoneza, pela terra ancestral, unica, eterna realidade de que cada cidadão, do mais eminente ao mais humilde, se considera uma emanação ephemera.

Excedem a todos os louvores a abnegação, as magnificas virtudes dos chefes japonezes, ascétas militares, exclusivamente preoccupados com o seu sacerdocio, encontrando, na gloria da nação, prodiga recompensa aos seus sacrificios. Elles estudaram tudo, tudo previram e organisaram; nenhuma minucia ficou dependente do azar. Empenhados com ardor num fim commum, subordinados sempre ao interesse geral, formando uma entrosagem de vontades, umas sobre outras, sem attrictos, como as rodas de um machinismo magnífico, elles não desejam avançar, eclipsar rivaes, sinão serem uteis ao seu paiz; não se desvanecem no destaque de feitos gloriosos, mas em cumprirem pontualmente o dever. E' á abnegação absoluta de cada um desses homens; é a essa communhão de todos os enthusiasmos e de todas as intelligencias; é á applicação apaixonada de cada official, de cada soldado, que o exercito japonéz deve a sua cohesão, a precisão dos seus movimentos, a con-

cordancia implacavel dos seus esforços.

Quem sabe si, na propria Europa, as batalhas futuras, com a immensidade dos preparos que demandarão, a complexidade de questões materiaes que suscitarão, os effectivos enormes e a extensão em que se lião de estender, poderão ser concebidas e dirigidas por um só cerebro? A guerra futura deverá remover para o segundo plano os candidatos ao genio, os salvadores, os repentistas, os allucinados do napoleonismo. E' provavel que as victorias decisivas do seculo vinte sejam ganhas, não, como nos tempos passados, por um improvisador brilhante, mas por um estado maior composto de homens attentos e meticulosos; ellas serão o resultado, não de um golpe de vista, mas de um sistema rigoroso, de um methodo sem falhas.

Nas enormes batalhas de amanhã, nas quaes a simples questão do transporte de projectis será um problema, tudo deverá ser tão minuciosamente previsto e organizado pelas collectividades de homens laboriosos, que no momento do choque, serão menos frequentes que outr'ora as occasiões de representar um general papel preponderante. Em vez de procurar brilhar, fazer-se valer, será essencial bem servir.

* *

Deve-se repetir que foi para supprir a ausencia de um systema, para remediar a fraca cohesão dos diversos corpos do seu exercito, que Kuropatkine, esforçando-se para commandar, pessoalmente, 400.000 homens, se empenhou numa empreza superior ás forças humanas.

A maior parte dos que, agóra, o criticam não teriam agido melhor nas mesmas condições; muitos teriam andado peor. Os *conhecedores* que emitem, agóra, conceitos desdenhosos sobre o exercito russo e seus chefes, merecem apenas uma resposta de pouco caso.

Computando as difficuldades que se antolharam a Kuropatkine, na Mandchuria, será forçoso convir que sómente a organização do acampamento de Mukden, a 9.000 kilometros de Moscou, foi o resultado de um esforço sem precedentes.

Na derrota, como na victoria, tudo é relativo ao adversario que defrontamos e aos obstaculos encontrados. E' certamente, mais honroso para um general, ser vencido pelos japonezes, na Mandchuria, após vinte dias de batalhas, do que se empennachar por ter derrotado, em vinte minutos, na Africa Equatorial, uma aldeia de negros nós.

Os *senhores criticos* não ponderam que os soldados japonezes, applicando

minuciosamente os principios militares dos exercitos mais modernos, estão, ao mesmo tempo, animados por um fervor patriótico que os faz encarar a propria morte como um incidente de importancia minima; não ponderam que ha heróes em todos os exercitos, mas não ha, na Europa muitos exercitos, cuja massa tenda inteira para o heroismo permanente. O soldado japonês chega ao campo de batalha tão bem armado e exercitado, quanto a melhor praça franceza ou allemã, e, além disso, saturado de crenças espiritualistas, de uma especie de mysticismo nacional, cujo sentido um homem do occidente difficilmente interpretará. Verdadeiro enigma psychologico, verdadeiro phenomeno sociologico, o soldado japonês se me figura um combatente excepcional, temível.

Os *senhores criticos* não advertiram que, em fevereiro de 1905, como em agosto de 1904, o desventurado Kuropatkine e seu estado maior estavam, absolutamente, destituídos de informações sobre a composição, sobre a situação dos exercitos japonezes; recebiam, por desgraça, informações falsas. A habilidade diabolica com que o alto estado-maior nippon conseguiu, mais uma vez, dissimular ao generalissimo russo as suas concentrações, parece ter sido um dos elementos decisivos de toda a guerra. Depois de Mukden, pude verificar, pessoalmente, as precauções inauditas, ás quaes os sagazes japonezes deviam a execução dos seus preparativos numa impenetravel atmosfera de mysterio. E pensando no *deixe andar*, na incuravel despreocupação dos seus adversarios, eu exclamei: pobres russos!

A victoria hesitou, por vezes, durante a batalha do mez de março. Porque, apoiados nos entrincheiramentos do sul não conseguiram os russos isolar o exercito de Nogui em audaciosa marcha? Porque succeden que preparativos immensos, tantas obras de fortificação, tantas pontes contruidas, caminhos traçados, garagens estabelecidas, tantas provisões accumuladas, tantas precauções, tantas proezas realisadas, tantas vidas sacrificadas, conduzissem ao resultado de um desastre?

No drama da Mandchuria, toda a vez que o observador procura formar juizo sobre uma questão dessa ordem, seu espirito se perde na curva dos ricochetes vertiginosos dos effeitos e das causas, e elle, afinal, descobre, apenas, um culpado — o regimen russo.

Si um grande general se tornasse, subitamente, chefe absoluto do exercito de Mukden, ser-lhe-ia indispensavel, antes de ousar applicar sobre o campo de batalha estrategias susce-

ptíveis de engendrar a victoria, emprehender a transformação do seu exercito, moralmente, materialmente, radicalmente, ser-lhe-ia preciso fazel-o outro.

Mas, de certo, verificaria que se não modificam, em algumas semanas, ou em alguns mezes, homens saturados, sobre carregados de uma hereditariedade nefasta, comprehenderia que não se póde dar uma alma nova, uma alma moderna a camponeses, cujos antepassados fôram, durante seculos, privados do direito de saber e de pensar, avós aos quaes fôram interdictas todas as iniciativas; cujo cerebro foi annullado pela lei e que, de geração em geração, vegetaram mais como ruminantes do que como creaturas humanas.

Os homens, os soldados russos ficaram como eram em 1850; mas a guerra mudou: eis por que os japonezes entraram em Mukden. Não faltam ao exercito russo as qualidades phisicas; seria temeridade accusal-os do defeito de valentia; ao contrario, elle desperdiça, em pura perda, uma intrepidez pasmosa; seus soldados morrem com resignação sublime; mas não se libertou ainda do fatalismo despreocupado, que prefere o perigo á violencia, a morte ao esforço.

Sómente faltaram ao exercito russo as qualidades intellectuaes. Munido de canhões, de projectis superiores aos do inimigo, e combatendo, a maior parte das vezes, com a vantagem da defensiva, foi, todavia, vencido sempre, porque os seus officiaes, os seus soldados são inferiores aos japonezes não em coragem, mas em intelligencia, educação e enthusiasmo.

A guerra actual demonstra, de maneira solemne, que um official não deve ser mais um alegre mosqueteiro, deve ser um especialista apaixonado, um ascéta guerreiro, sempre empenhado no augmento do seu saber militar; o soldado não deve continuar a ser uma coisa passiva que se impelle para a frente, um automato, um pedaço de sangrento pasto para o canhão; mas uma creatura ardente, pensante, capaz de executar as ordens recebidas com habilidade, com astucia.

O exercito é a emanação da nação e só se reforma um exercito, reformando a nação, de que elle procede. O povo russo, como nenhum outro, poderia fornecer intelligencias e energias. Si a maioria dos officiaes russos, sempre prompta a morrer, raramente se presta ao trabalho; si sómente pensam, aguardando o momento do sacrificio, em viver sem preoccupações, sem incommodos, sem labor, é, sem duvida, porque, durante longos periodos, o regimen autocratico descoroçoou a bôa vontade, desprezou os trabalhadores, suspeitou dos homens de valor e destinou os altos postos aos favoritos,

aos intrigantes, aos cortezãos, aos incapazes, aos imbecis.

Si os soldados téem, apenas, qualidades de resignação, de resistencia passiva, de estoicismo, é porque fôram instruidos conforme os regulamentos militares que remontam á guerra da Criméa, e não fôram modificados depois das armas de tiro rapido e longo alcance; é, sobretudo, porque homens aos quaes foi, systematicamente, interdito o uso do pensamento, da vontade, do livre arbitrio, não pódem ser transformados, por milagre, em combatentes habéis, emprehendedores e aptos para a offensiva moderna.

E' verdade que na defensiva, em Mukden como em Liau-Yang, as tropas russas, ágarradas aos entrincheiramentos, mostraram tradicional tenacidade; mas toda a vez que foi preciso sair delles e avançar para um ataque, um contra-ataque, fôram impotentes para furar a linha inimiga, isto porque avançavam segundo methodos abandonados ha trinta annos pelos exercitos modernos: ensinar-lhes outros, era impossivel.

No meiado do anno, um eminente addido militar, admirado de não ver os officiaes russos exercitarem os seus homens, pediu a um chefe de corpo para ver uma manobra. Com alguma insistencia, obteve resposta favoravel e, aos seus olhos, alguns batalhões russos executaram uma série de evoluções, que estariam fóra da moda em 1870. Na batalha do Chakke, esse official estrangeiro viu, com pasmo, aquelles movimentos reproduzidos sob o fogo inimigo: columnas russas, atacando em fileiras cerradas, eram ceifadas antes de abordarem os japonezes.

Certo, Kuropatkine, com um exercito imbuido de principios tão retrogradados, não poderia agir melhor.

Não se deve censurar Kuropatkine generalissimo, mas Kuropatkine antigo ministro da Guerra, culpado de não ter, muito antes das hostilidades, insistido em introduzir no exercito exercicios de campanha correspondentes ás necessidades da guerra moderna.

Um dia, testemunha aterrada de uma dessas inuteis hecatombes, perguntei a um joven e brilhante official porque se obstinava o estado-maior, contra toda a logica, em arrojear as suas tropas, em columnas cerradas, ao ataque.

—E' porque — objectou elle — somos obrigados a levar em conta a mentalidade do nosso soldado. Incomparavel defensor de posições, elle não tem o espirito offensivo; é pouco apto a uma acção individual. Para marchar contra o inimigo, elle tem necessidade de sentir que faz parte de um todo, que é dirigido, associado, englobado, acompanhado, sustentado, que se não pertence. Com o seu fata-

lismo, o seu espirito de obediencia passiva, seu instincto de cohesão, elle avança sem hesitar, acotovelado aos camaradas, sob o fogo mais terrivel, impassivel até á morte. Mas esse mesmo soldado, entregue a si mesmo, no momento do ataque, si, muito tempo antes de chegar ao inimigo, fôr separado de seus visinhos por longos intervallos; si lhe disserem que é preciso aproveitar o terreno, arrastar-se, saltar, introduzir-se habilmente, fazer um abrigo de cada sulco, de cada pedra, agir como o faz, maravilhosamente, cada japonéz, como fariam francezes e allemães, esse soldado não encontraria em si mesmo impulso, nem habilidade, nem iniciativa e agiltude indispensaveis: não saberia haver-se; hesitaria, ficaria perturbado, não comprehenderia, nada conseguiria. Que quer? Cada povo tem suas qualidades e seus defeitos!

Taes conceitos, que eu olvidára, perseguem, agóra, com persistencia a minha memoria, depois que ouvi, em Tokio, a seguinte reflexão de um coronel japonéz, ferido ao oéste de Mukden:

— Nós somos bravos; mas si isto consiste em se expôr, sem trepidar, a perigos inauditos, os russos são mais bravos do que nós, porque avançam ao ataque das nossas posições em fileiras cerradas, de pé, sem se esconderem, sem procurarem evitar a morte. Si nós outros, officiaes japonezes, quizessemos que os nossos soldados assim marchassem contra o inimigo, difficilmente seriamos obedecidos, tal está no instincto delles aproveitarem para amparo o menor accidente do terreno, a menor barreira. Desse ponto de vista, os russos são mais bravos do que nós; parece que nos atacam para morrerem. A nossa bravura é, felizmente, util; a delles é imprestavel.

Essas declarações feitas, ao mesmo tempo, por dois heróes de Mukden, explicam toda a guerra da Mandchuria, o sentido da ultima batalha. Os russos fôram sempre batidos porque não souberam jámais executar um ataque ou um contra-ataque segundo os methodos empregados pelos exercitos modernos; avançaram deante dos cauhões de tiro rapido na mesma fórma que os seus antepassados se bateram na Criméa ou contra os turcos.

Sei, agóra, sem contestação, que, de 4 a 10 de março, os formidaveis contra-ataques ao exercito de Nogui, no oéste de Mukden, estiveram a pique de successo. Executados por forças enormes contra uma linha muita extensa e, em muitos pontos, delgada, puzeram-na no maior perigo. Kaulbars teria batido, infallivelmente, Nogui, si os seus grossos batalhões não avançassem de modo a perderem a metade dos effecti-

vos antes de começarem a attingir o inimigo.

Mukden caíu porque o soldado russo não é um soldado moderno feito de um homem moderno. O homem russo não é um homem moderno por que lh'o não permite o systema politico da Russia.

E' para mim muito penoso achar-me, momentaneamente, afastado do theatro das operações, separado desse exercito que me inspirou uma sympathia, feita de admiração e de piedade; mas, em compensação, aprendi tanto durante o meu curto captivo, registei tantas noções em Mukden, junto do general Oku; em Yentai, junto do barão de Kodama; em Liáu-Yang, em Dalmy sobre o transporte *Avamura*, no quartel general dos prisioneiros de Shidzuka, e, finalmente, em Tokio, que considero o momento em que fiquei prisioneiro, sinão como um dos mais agradaveis, pelo menos como um dos mais felizes de toda a minha carreira.

Transportado, subitamente, para o exercito inimigo, descobri, espontaneamente, os *porques* de uma infinidade de *porques*. Verdades fundamentais se me antolharam face a face e me inclinei ante a sua magestade.

Duas são as condições essenciaes para escrever bem sobre a guerra: não soffrer a fiscalisação da censura, poder observar as condições das duas forças belligerantes. Quem ficar, exclusivamente, num dos dois exercitos, acaba por amal-o, por se habituar a elle: considera, pouco a pouco, os seus defeitos como qualidades: a indolencia, sangue frio; a fanfarronice, confiança em si mesmo; a irresolução, reflexão; a embriaguez, bom humor.

Quanto a mim, depois de verificar até que ponto as qualidades do official e do soldado japonéz decorrem de suas qualidades de homem e de patriota, sou forçado a recordar que os combatentes russos têm, apeuas, um patriotismo envenenado por odios de raças, e penso que o seu regimen, lhes prohibindo pensar, os prohibe de serem homens.

No dia 11 de março, ao meio dia, vi as tropas japonezas penetrarem as portas de Mukden, monumentaes, sombrias, como uma decoraçã de tragedia; e, sacudido de terror ante a derrota, não me pude subtraír a uma meditação dolorosa.

De quem a culpa?

A minha imaginação, errante sobre as linhas phantasticas das muralhas mandchús, via se desenharem os contornos do Krelim.

Senhor! dos vossos mujiks fazei homens pensantes; dos vossos rebanhos humanos, fazei uma sociedade humana; ordenai que a massa do povo russo não permaneça numa obscuridade degradante; fazei dos vossos subditos,

cidadãos; fazei do vosso imperio, uma nação; dai aos russos direitos para que elles sintam responsabilidades; ordenai que se lhes abram as grandes portas da vida intellectual e social: elles, em tróca, vos darão o primeiro exercito do mundo.

LUDOVIC NAUDEAU.

"Os Annaes"

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do primeiro e segundo trimestres d'OS ANNAES.

PAGINAS ESQUECIDAS

PADRE NOSSO

Pae nosso, de todos nós,
Que todos somos irmãos,
A ti erguemos as mãos
E levantamos a voz:

A ti, que estás lá no céu,
E nos lanças com clemencia,
Do vasto estrellado véo,
Os olhos da Providencia!

Bemdito, santificado
Seja o teu nome, Senhor
Inviolavel, sagrado
Na boca do peccador!

E venha a nós o teu reino!
Acabe o da vil cubiça!
Reine o amor á justiça
Que prega o Nazareno;

De modo que seja feita
A tua santa vontade,
Sempre a expressão perfeita
Da justiça e da verdade!

Seja feita, assim na terra
Como no céu, onde habita
Esse, cuja mão encerra
A creação infinita!

O pão nosso, nesta lida
De cada dia, nos dá
Hoje, e basta... a luz da vida
Quem sabe o que durará!

E perdoa-nos, Senhor,
As nossas dividas; sim!
Grandes são, mas é maior
Essa bõndade sem fim!

Assim como nós (se é dado
Julgar-nos tambem creadores)
Perdoamos de bom grado
Cá aos nossos devedores.

E não nos deixes, bom Pae,
Cair nunca em leutação;
Que o homem, por condição,
Sem o teu auxilio cae!

Mas, tu, que não tens segundo,
E muito menos igual,
Dá-nos a mão neste mundo,
Senhor! livra-nos do mal!

JOÃO DE DEUS.

UM LIVRO ANNOTADO
PELO SR. D. PEDRO II

A proposito da morte do sr. Garcia Meron, publicamos abaixo uma carta que a esse escriptor e diplomata argentino escreveu, ha annos, o sr. barão de Alencar, dando conta de umas annotações do Imperador a um livro do pranteado publicista platino.

Meu caro collega.

Tenho em meu poder um exemplar do seu livro *Perfiles y Miniaturas*, annotado pelo sr. d. Pedro II, de tão saudosa e veneravel memoria.

E' o mesmo exemplar que me fez o favor de offerecer em Buenos Ayres a 19 de junho de 1889, quando acabava de publicar o volume em que recolheu os artigos avulsos a que deu aquelle titulo e que se me proporcionou, mais tarde, a occasião de remetter a sua magestade, entre outras obras de escriptores argentinos.

Devo a distincção desse deposito litterario a s. a. imperial a sra. d. Isabel, condessa d'Eu, que me o confiou pouco tempo depois do fallecimento de seu augusto pae; e se para mim, essa circumstancia significa o testemunho espontaneo e generoso com que me favoreceu, quem melhor podia dal-o, da estima que me tinha o Imperador, — para o auctor dos *Perfiles y Miniaturas*, reúne á honra que mereceu de sua magestade uma prova manifesta de apreço da illustre princeza.

O illustre sr. d. Pedro II, meu caro collega, leu seu livro em Vichy, na segunda quinzena de agosto de 1891, — quatro mezes escassos antes de seu infausto passamento, occorrido, como sabe, em Pariz, na madrugada do dia 5 de dezembro do mesmo anno. Já estava bem doente e talvez fôsse um dos ultimos livros que lêra.

O volume conclúe com esta citação melancolica de Schiller: «He naufragado en el tempestuoso mar del mundo; he visto las esperanzas de mi vida sumerjirse en el abismo; no me queda ya sinó el recuerdo desgarrador de su pérdida y este recuerdo me enloqueceria, si no tratára de ahogarlo, dando otra direccion a mi actividad.»

O Imperador marcou o grito d'alma do poeta, e escreveu por baixo, terminando a leitura do livro, as seguintes palavras, que transcrevo textualmente:

— Ha muito não leio escripto que tanto me attraísse. — E' sobretudo

notavel estylista. — Vichy, 26 de agosto de 1891.

São estas palavras que me levam a dirigir-lhe a presente carta pela imprensa, e escolho para esse fim, por dever de cortezia, um dos principaes diarios do seu paiz. Ellas lhe pertencem e eu me julgo tão obrigado a dal-os á publicidade como se tivesse recebido a incumbencia de fazel-o, quer pela satisfação que lhe isso hade causar, quer pelo bem que lhe póde advir da divulgação do juizo invejavel que obteve do espirito superior e culto daquelle que foi denominado em vida — o Protector das lettras.

Com effeito, a admiração que o sr. d. Pedro II tributava ao talento só era nelle igual ao apreço que lhe inspiravam os homens de bem. Aos grandes poetas, especialmente, rendia o preito de sua alta e competente auctoridade em materia litteraria. Elle não perdia ensejo de manifestar o dominio que a poesia exercia sobre a sua alma contemplativa e que se revelavam nesse olhar de vidente que illuminava o seu semblante nas longas horas do exilio. E' conhecida a sua entrevista com Victor Hugo, e ainda nos seus derradeiros dias escrevia no album de uma distincta senhora da sociedade pariziense, estas linhas que o comprovam: «*l'arbre de la vie porte deux fruits savoureux: — la jouissance de la poésie et le commerce avec les bons.*»

O Imperador começou a leitura dos *Perfiles y Miniaturas* com a imparcialidade do critico. Era a primeira vez que se lhe deparára, meu distincto amigo, um escripto seu e queria julgar o escriptor. Parece, porém, pelas notas esparsas de certo ponto em deante, que uma vez formada a sua opinião a esse respeito, o seu livro converteu-se em uma especie de interlocutor intimo, que lhe recordava a cada passo o nome de um auctor e de um artista ou o titulo de uma obra, que lhe eram familiares, avivando-lhe reminiscencias até da juventude.

Assim, a proposito de sua citação de Crébillon, cujos excellentes dramas são tão pouco conhecidos, lembrou-se de ter traduzido em verso, na sua mocidade, o *Idomenée* desse auctor.

Ao ler a sua referencia ao *Asno de Ouro*, de Apuleo, lembrou-se tambem de ter começado a sua tra-

ducção, e accrescentou: *Vale a pena conhecer o original.*

Mais adeante, concordando com a sua opinião sobre Euripides, que fixou a lingua da tragedia grega, escreveu ao lado:

Traduzi-o quasi todo o mais perto da letra possivel, para bem sentil-o. Ha pouco, achou-se um trecho desconhecido delle, e creio que Weil escreveu um artigo sobre esse achado.

Não ha capitulo em que não se veja á margem uma observação de seu punho ou traço sublinhando palavras, phrases e mesmo periodos inteiros, — o que mostra que sua magestade leu os 23 artigos do seu livro, pagina por pagina.

Não me atrevo a affirmar-lhe, e isso para não faltar á logica dos reparos expressos em algumas notas, que todos os termos e trechos sublinhados tivessem a acceitação do sr. d. Pedro II; mas, em geral, o traço continuo e insistente deixa suppôr uma plena approvação.

Na impossibilidade de dar-lhe uma idéa perfeita da significação das sublinhas, limitar-me-ei a reproduzir as annotações principaes da parte critica, que encerra benevolos conselhos.

Ao primeiro artigo, que tem por titulo: *Sinfonia de Verano*, o Imperador observou: *E' bonito, mas affectado. A affectação levou-o mesmo ao emprego de expressões arriscadas.*

Artigo 4º: *Fantasia Nocturna*. Nota do sr. d. Pedro II: *Não está má esta pintura, ás vezes algum tanto extravagante, do cholera. Que differença da bella simplicidade de Thucydides na peste de Athenas!*

Artigo 7º: *Musica Ambulante*. Sua magestade escreveu no fim: *Que riqueza de expressão!*

Artigo 9º—*Uma Limosna*. Esse artigo valeu-lhe o maior elogio que se póde fazer á penna de um escriptor, ou, antes, um verdadeiro triumpho, nestas significativas palavras do augusto leitor:—*Sinto não conhecer o sr. Merou.*

Artigo 11º—*No mas ferretros*—Nota do sr. d. Pedro II: *Quereria que não abusasse tanto da fórma; porém tem muito talento.*

Artigo 16º—*Sobre un poeta*. O poeta de que se trata é d. Rafael Nuñez, então presidente dos Estados Unidos de Colombia. O Imperador declarou

que não conhecia as suas poesias, e ao ler as que menciona o seu artigo como *magistraes* e que têm por título— *Que sais-je ! e Ideales*, classificou-as de *bellissimas*, chamando a atenção para as duas seguintes estrophes da primeira :

«De la vida entera
«Uma hilacion latente sobrevive,
«Cuyo lejano punto de partida
«Fué tal vez anterior a la actual vida.»

.....
—«Por la luz del recuerdo
«Tal vez quando inclinados recorremos
«De desierta Necrópolis las ruinas,
«Nos sentimos viver a una distancia
«Remota mucho mas que nuestra infancia.»

Artigos 17º a 21º *Sarah Bernard*, — o primeiro, em francez, sobre a pessoa e vida da artista, e os outros intitulos *Fedora*, *Frou-frou*, *La dama de las Camelias*, e *Phedra*. O sr. d. Pedro II não pôde evadir-se a reconhecer que havia razão nos que lhe exprobaram de dar a essa artista, embora notavel, mais importancia que a que tinha, e disse com franqueza que a achava inferior á Desclée em *Frou-frou* e em *Phedra* á Ristori, no seu *bello movimiento de repulsão involuntaria*.

Ha nesse capitulo uma comparação entusiasta entre Sarah Bernard, no desempenho de seu papel de *Phedra*, e Emma Bovary. Lê-se á margem a seguinte annotação de sua magestade: — «Com effeito, é um dos melhores romances de Gustavo Flaubert; mas a fria sensualidade da sua heroína desperta considerações que não caberiam em uma ligeira nota.»

Já antes, a proposito de Margarita Gauthier — a Dama das Camelias, discordára o sr. d. Pedro II de sua apreciação, de que não se havia ainda escripto nada mais *humano* do que essa historia de um amor que teve por desenlace a morte. Escreveu o Imperador: — *Não penso assim*.

Deixo de copiar, para não alongar em demasia esta carta, varias outras notas com que o sr. d. Pedro II enriqueceu ainda mais os seus eruditos artigos, sobretudo quanto á litteratura grega. Creio que as que transcrevi são sufficientes para o fim que teve em vista, que foi unicamente tornar publico o juizo, que o auctor desse livro mereceu como escriptor e litterato, do sempre lembrado imperador do Brazil, membro do Instituto de Franca.

Fui parco e chão talvez de mais, porém fui sincero, obedecendo com escrupuloso cuidado á antiga maxima latina: *Cuique sua*.

Pagando-lhe por essa fórma umas velhas dividas litterarias, sou com a mais distincta consideração e particular estima,

ALENCAR.

O artigo que vae abaixo, do eminente prof. Dias de Barros, da Faculdade de Medicina, desenvolve, com a sua conhecida competencia e auctoridade, a noticia que, sobre o microbio da syphilis, publicaram os *Annaes*, n. 35, pag. 360.

O MICROBIO DA SYPHILIS

Quem sabe se não será mais uma desillusão para os medicos, já a ellas tão affeitos, a descoberta, que se annunciou, do novo germen causador da syphilis, pelos pesquisadores allemães Schaudinn e Hoffmann ?

A série de desastres sociaes, proximos e remotos, no individuo e na raça, motivados pelo *virus syphilitico*, desde muito havia incitado os sabios dos centros europeus a indagar das condições de vida, de evolução, de fórma, do conjuncto, afinal, das condições biologicas que presidem o germinar e a pullulação desse respeitavel e traiçoeiro *virus*, que vem apavorando a humanidade.

Na primavera da vida
... al tempo de' dolci sospiri...
conforme o cantar do Poeta ; ao despartar das impulsões inadiaveis e imperiosas do instincto genesico, quando os adolescentes aneiam por precipitar-se nos braços que os chamam aos doces contactos do amor, muita vez lá está, matreiro e desfarçado, sob as apparencias de um corpo donairoso, de uma cutis fina e de uns labios de carmim, como outros tantos avatares de maligno espirito, o *virus syphilitico* prestes a fisgar os incautos e cegos servidores da especie. Dos perigos, nos centros populosos e civilizados, oriundos desses contactos entre individuos sãos e contaminados, é que se originou o desejo natural, mas difficilmente defensavel, da regulação do meretricio.

Mas, a despeito desses bons desejos, vae a syphilis fazendo os males, causando os disturbios, esbarrondando as classes sociaes, avariando-as, emfim, de modo irremediavel, exigindo, porém, cada vez maior numero de victimas como se fôra uma daquellas *Venus mortiferas* da antiguidade asiatica: *Astarté* ou *Mir Milita* !

Com que incrível e prodigiosa rapidez se diffunde esse *virus* nos organismos nos quaes se hospeda !

E' tal, que uma gotticula do sangue

dum *avariado*, (na tão feliz expressão de Brieux, para designar os syphiliticos) pôde bastar a infectar outrem.

E o terror causado pela infecção desgraçadamente não é sufficiente para, pondo de aviso os descuidados, isental-os da nefasta contaminação.

Tal como a *febre amarella*, o *beri-beri* e a *raiva*, a *syphilis* tem desafiado os nomes mais capazes dos sabios bacteriologistas do mundo culto. (1) Mas, em vão, se tinham empenhado Aufrecht, von Bergmann, Barduzzi, Birsch-Hirschfeld, Finger, Hamonic, Leitikow, Lustgarten, Martineau e alguns outros em descobrir-lhe os traços através a estrada da vida. Sempre fugidio, sempre disfarçado e cauteloso, o *virus syphilitico* zombára dessa legião soberana de todo os *pioneeres* que lhe andavam no encalço !

Ainda ha pouco mais de dez annos, dizia o doutissimo professor Ernest Finger, de Vienna: «é fóra de toda duvida que o *virus syphilitico* é um *virus* animado ; entretanto, sua natureza é ainda desconhecida. Encontrou-se, é certo, em grande numero de molestias infectuosas e chronicas um *virus* sob a fórma dos organismos que pertencem á familia dos *schizonyctas* ; é mais que provavel que, a parasitas da mesma ordem, pertença o *virus syphilitico*.»

Desde muito, mórmente após os fructuosos estudos do grande Hunter, se não tinha mais a menor duvida de que a lesão inicial da syphilis era nimiramente contagiosa. Ricord affirmára que os productos pathologicos dessa lesão eram a *origem unica do virus syphilitico*. Só depois é que outros observadores, taes como Boerensprung e Hebra provaram que certas das lesões chamadas secundarias eram tambem contagiosas. Cabe, porém, a um investigador tenacissimo o haver deixado fóra de toda a duvida que todas as lesões syphiliticas do periodo secundario podiam tornar-se agentes infectantes, desde que produzissem secreções, fôsem a origem de productos pathologicos. As experiencias que esse grande investigador realisou *in anima nobili* fôram, no seu alto criterio, tão attentatorias da liberdade humana, embóra utilissimas em seus resultados para o futuro da nossa especie, que não quíz elle legar o seu nome á posteridade. Amortalhou-se elle nas dobras do esquecimento de fórma que, ao *anonymo do Palatinado*, *anonimns palatinus*, como é designado, não pôde a sua geração, ou as que se lhe seguiram, prestar as homenagens a que fez jús tão indefesso traballador !

Suas conclusões sobre esse ponto de doutrina, fôram subscriptas por Waller, Lindwurm e Pellizzari. Impõe-se, pois, a affirmativa : o *sangue dos enfermos attingidos por syphilis secundaria contém o virus*.

O que se não sabe perfeitamente aind'agóra, é se o sangue daquelles que tenham a syphilis secundaria em estado latente, conterà, analogamente, citado germen. O que servira para as experiencias referidas provinha, exclusivamente, de snjeitos attingidos pela variedade chamada *syphilis flórida*, de fórma a restar ainda algo a dizer respeito a essa phase evolutiva da molestia causada pelo *microbe de l'avarie*, na phrase epigrapharia, espirituosa e triste a um tempo, do brilhante artigo do chronista Vidi, do *Journal*, de Pariz.

Tem-se affirmado tambem que os productos oriundos da syphilis terciaria gommosa, não contém o *virus*, motivo pelo qual não pôdem elles ser considerados agentes de infecção. Os experimentos de E. Finger são peremptorios e parallellos a essas conclusões. Tratadistas de tomo affirmam tambem que os productos pathologicos de *lesões não syphiliticas*, mas que evolúem em syphiliticos, não transmittem a infecção, a menos que se não misturem ao referido *virus*. Outro tanto se affirmou respeito ás secreções, taes que a saliva, o leite, a urina, etc., as quaes, segundo os referidos escriptores, seriam egualmente innócuos em estado de pureza. Muitos outros disseram que o esperma de individuos contaminados deixava indemnes aquelles que eram innoculados.

Em contrario a esses, disseram outros que até o leite poderia contaminar. Não parece tudo isso contradictorio? Certamente que o é. Haverá tantas maiores razões para pensar-se desse modo quando já se sabe que os *virus* de molestias contagiosas diferentes atravessam os diferentes órgãos secretorios da economia. Haja vista o que se conhece relativamente ao *bacillo typhico*, nos casos em que, pela *prova chamada da agglutinação*, seja procurado nas lagrymas, na saliva ou no leite, onde quasi sempre é encontrado, nos casos de infecção.

Outro ponto ainda litigioso é aquelle que toca a presença do *virus* nas ulcerações gommosas de marcha rapida, vistas apenas seis mezes após a infecção, na *syphilis galopante*.

A acção electiva, especifica, dos sães de mercurio na cura da syphilis, em qualquer das suas phases, fazendo sustar os processos destructivos e invasores do mal, téem sido exuberantemente postos á prova pelos methodos de Scarenzio e Smirnoff ou pelo de Prockorow, modificado pelo nosso joven e estudioso compatriota, o professor A. Fialho. Isso leva ao espirito a convicção de que, nesses casos, o germen é attingido e neutralizada a acção provavel das suas secreções durante as duas primeiras phases da evolução syphilitica e mesmo na terciaria.

Não houve, pois, mistér se conhe-

cesse o germen da syphilis para que, fructuosamente, fóssem evitados os sens males ou sustados os estragos já iniciados por elle.

Analogamente, mas em zona diferente das applicações therapeuticas, Pasteur e seus seguidores curaram a raiva, ou evitaram a explosão della, nos individuos innoculados, sem que conhecessem, ou conheçam ainda, o germen productor do mal (2). Malsinado esse methodo, que o tem sido, ultimamente, na França e na Italia, nem por isso deixarão de funcionar as installações feitas sob o molde do instituto da rua d'Ulm, templo que a gratidão da humanidade, em tão bôa hora, erigiu ao genio de Pasteur, luzeiro e bemfeitor della.

A nobre ancia de saber mais e melhor, e a ambição louvavel de ligar seu nome á historia do progresso, incitaram o joven investigador berlinez Schaudinn (3) e tambem Hoffmann a se embrenharem, ainda uma vez, nesse matagal cerrado—a etio-pathologia da syphilis.

Deveu Schaudinn ao acaso, a descoberta do germen da syphilis. Havia o dr. Siegel supposto descobrir nas diversas lesões syphiliticas um novo parasita e, a respeito, fizera uma ruidosa communicação á *Academia de Sciencias*, de Berlim.

Foi nomeada uma commissão official para comprovar a descoberta de Siegel e della fez parte, na qualidade de annexado á *repartição sanitaria imperial allemã*, o esperançoso Schaudinn, naturalmente indicado pela natureza de seus trabalhos especiaes sobre as molestias infectuosas.

Schaudinn não encontrou nos preparados microscopicos realisados por seu collega, o microbio por este supposto causador da infecção. Notou, porém, ali, a presença doutros sêres, egualmente microscopicos. Chamou em seu auxilio o dr. Hoffmann, director da *clinica de molestias venereas*, de Berlim, o qual lhe proporcionou examinar, com detalhe, abundancia de cancos syphiliticos, placas mucosas, papulas e ganglios de infectados.

Em todos os seus preparados viu elle sempre o mesmo germen: um microorganismo delicadissimo, muito pouco refringente, quando vivo, mobilissimo, filifórme e entortilhado em espiral, e com extremidades afiladas. A essa especie de verruma microscopica, que tão subtil e traiçoeiramente nos attinge, denominou elle *Spirochæte pallida*. Poetico e suave nome! Tomou-lhe as medidas e viu Schaudinn que seu comprimento varia entre 4 e 14 millesimos de millimetro e que sua largura, apenas mensuravel, váe, quando muito, a um quarto de millimetro; as voltas de suas espiras variam entre 6 e 14.

Era mistér tomar essas precauções

de medir, photographar e outras, a fim de estabelecer a identidade do nosso adversario, bem conhecel-o, unico meio de vencel-o mais facilmente. Demais disso, poder-se-ia elle confundir na *turba multa* doutros organismos semelhantes, taes como a *Spirochæte refringens*, que demora na visinhança da sua mais que habitual residencia: a superficie dos lesões genitales e adjacencias...

Mas a *Spirochæte refringens* tem as voltas espiraes não só mais numerosas mas tambem muito estreitas ou approximadas e bruscas, em sacca-rolhas, emquanto a *Spirochæte pallida*, mais aristocratica e fina, apresenta suas espiras largas, menos sinuosas, apenas ondeantes...

Além dessas diferenças, a *Spirochæte pallida* se distingue de todas as outras especies de *espirochætes* conhecidas até agóra, porque difficilmente se deixa colorir pelas substancias multiplas empregadas para evidenciar esses organismos.

Modestos tanto quanto sabios, Schaudinn e Hoffmann, apesar de haverem deparado com a *Spirochæte pallida* no succo oriundo de ganglios lymphaticos de syphiliticos ainda não querem attribuir ao citado microorganismo um valor absoluto, taxativo, na etiologia da syphilis, e esperam que pesquisas novas venham revalidar os seus acurados estudos.

Que não esqueça, porém, um factio, posto agóra em relevo pelo conspicuo Metchnikoff: em 1892, já Gengou e Borçet haviam encontrado, em um cancro syphilitico e em varios casos de placas mucosas da garganta uma *espirochæte*. Mas, nem só porque em muitos casos, as pesquisas desses investigadores fórm infructiferas, como ainda porque são encontrados microorganismos analogos na garganta dos individuos indemnes de syphilis, por isso não ousaram elles affirmar a especificidade do germen entrevisto.

Váe, porém, para um mez exacto, que o supra citado Metchnikoff communicou á *Academia de Medicina*, de Pariz, valioso trabalho feito a fim de verificar a exactidão dos resultados annunciados por Schaudinn e Hoffmann. O sabio russo, já hoje parizense de coração, fez bastantes pesquisas bacteriologicas no homem e em macacos. Antes de mais nada, examinou elle cancos de dois chipanzés: não achou nesses a terrivel *espirochæte*. Que se tenha em mente acharem-se as lesões num daquelles animaes em caminho de cura. Achou, porém, elle a *Spirochæte pallida* na serosidade avermelhada proveniente de cancro inicial numa macaca, bem como em lesões de trez outros desses animaes.

Em suas pesquisas, feitas no homem, em productos de raspagem de lesões mucosas ou cutaneas, sobre-

tudo recentes, achou Metchnikoff 4, em 6 dellas, a nefanda *espirochæte*. Conclúe, pois, o sabio, que *a syphilis nada mais é do que uma espirillose chronica*.

Será tudo? Nada mais haverá a dizer relativamente ao supposto germen da syphilis? Não. Muito ha que fazer ainda no terreno da simples historia natural delle, quanto mais ao que respeita ás suas intrinsecas qualidades como agente productor, directa ou indirectamente, dos productos therapeuticos valiosos que serão fabricados nos institutos proprios: os sôros curativos,—meta auciosamente desejada e que, sem duvida, corôará o suarento, mas probo esforço, dos que têm a peito melhorar as condições da vida no seu seculo e para todo sêmpre.

DIAS DE BARROS,

professor substituto na Faculdade de Medicina.

(1) E' certo que, a despeito dos trabalhos de Carmona y Valle, J. B. de Lacerda, Pacifico Pereira, Pacheco Mendes, Scheube, Pechelaring e Winkler, Fajardo, Sanarelli e das conclusões a que chegaram os notaveis missionarios do Instituto Pasteur, ainda ha pouco entre nós, nada de *positivo* pudemos afirmar quanto á etiologia quer da febre amarella quer do beri-beri.

(2) Quanto a esse ponto, é lastimavel que se precarasse cobrir de baldões o processo de vaccinação contra a febre amarella, apregoadado pelo pranteado Domingos Freire. Seus detractores se basearam no facto do desconhecimento do germen, como se as descobertas de Jenner e Pasteur differissem da delle, nesse ponto.

(3) Schaudinn não tem ainda trinta e quatro annos. Elle é tambem o fundador do *Archiv für Parasitenkunde*.



O ALMIRANTE (36)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XVII

— Aqui, portanto — replicou Sergio, se pôdem reunir, sem choques, sem attrictos todas as crenças, todas as opiniões num tranquillo convívio de convicções adversas, sem serem incompatíveis com a mais affectuosa harmonia. Eu seria, sem isso, uma nota discordante nesta casa, como o unico republicano historico...

— E eu? interrompeu Dolores.

— V. ex.? — inquiriu Sergio, admirado — Eu pensava que as senhoras, por um natural impulso de sympathia, de piedade pelo grande infortunio do Imperador, eram todas monarchistas...

— Pois enganou-se — tornou Dolores. — Havia muito, tinha eu estas crenças e influa no espirito de meu marido para as adoptar.

— Nesta encantadora casa, eu, para falar a verdade, só contava um corre-

ligionario, o nosso mestre dr. Souza e Mello; este porém...

— Virou a casaca — completou o barão de Freixo, que se mantivera no mais absoluto retraimento, e ria gostoso do seu tiro espirituoso, coisa que lhe não occorria muitas vezes num anno.

Souza e Mello corou, lançou ao aggressor um olhar encandesciente de colera, e perguntou num tom de aspero sarcasmo:

— E v. ex., illustre barão, pôde-se saber a que partido pertence, quaes são as suas convicções politicas?...

— Ora essa! — tornou o barão, profundamente vexado. — Na minha qualidade de membro da nobreza, era pelo Imperador, um bom homem, um homem de bem a toda a prova. Aquillo era o que se poderia chamar um Imperador ás direitas, digno herdeiro das virtudes d'el-rei d. Pedro IV, que lá está em effigie no largo do Rocio de Lisbôa, e Deus tenha em gloria, mas... o que está feito não está por fazer... Sim, como ia dizendo: eu, agóra, não sou mais da politica e digolhes mais: tenho aconselhado á colonia, aos patricios que me attendem, não se mettam em politica...

— Isso, meu caro — replicou o advogado — é peor do que virar a casaca. Mudar de opinião é honroso, principalmente quando ella é favoravel aos que nada pôdem dar; não ter opinião é uma... como direi?... uma fraqueza inqualificavel.

— Isso de opinião é um luxo. A gente tem opinião quando quer, quando é preciso ou quando é obrigado... Agóra, por exemplo, eu não tenho que dizer a quantas ando.

— Mas que acha desta republica?

— Para falar a verdade, nem parece que as coisas mudaram. Sua magestade era bom homem, mas o Deodoro nada lhe fica a dever. Além disso, porque ha de um homem queixar-se, arrelhar-se com a nova politica, se tudo váe bem, se o commercio váe prosperando. . Olhe, meu caro, isto mesmo que aqui estou a dizer é extraordinario; lá fóra, nem pio, bocca fechada; em casa, então, seria um sarillio, uma desgraça. Se eu falasse com esta franqueza, vinha o mundo a baixo, porque a mulhersinha não quer ver a Republica, nem pintada.

— Como váe ella? — atallhou a marquezia, procurando um pretexto para libertar o barão das maliciosas investidas do Souza e Mello—Ha tantos dias não apparece...

— Ah, minha senhora, a baroneza está cada vez mais melindrosa, um vidro a estalar ao menor choque. Só a minha paciencia de Job lhe supporta as denguiçes e os caprichos...

— Denguiçes de mulher bonita — observou d. Eugenia, que, desde a victoria da revolução, se abrigára na

mais impenetravel discreção, quando se tratava de politica.

— Tem razão — replicou o barão, com um sorriso de satisfação, muito lisonjeado com o juizo da senhora do conselheiro — Entretanto. . eu quizera que ella fôsse mesmo bella e mais robusta. Deu-lhe, agóra, a mania de escrever; passa horas inteiras a rabis-car papel, a estragar folhas e folhas de um papel carissimo que eu mandei vir da Europa com as nossas armas.

— E' uma innocente mania — ponderou a marquezia.

— Não digo menos disso, e não se me importaria, porque enquanto ella escreve está a casa quieta, se não lhe crescessem as olheiras e aquelle ar de tristeza, que me parte o coração. Era o que me faltava — uma mulher letrada.

Dolores sorria com malicia e murmurava, á puridade, observações ironicas sobre a capacidade da baroneza, sobre os seus artificios, as suas maneiras, que seriam ridiculas se não fôra a piedade inspirada pelo seu precario estado de saúde.

Num grupo afastado, reunido perto de uma das amplas janellas abertas sobre o parque sombrio, Sergio de Lima, dirigindo-se ás filhas do conselheiro, relembra o tempo em que conhecera a marquezia, na roça, as noites encantadoras passadas na mais doce intimidade; relembra as peripicias do grande emprehendimento, a intelligencia, a actividade do dr. Sumer, ajudando a generosa senhora a arrancar da esterilidade daquellas solidões tristes, aquelle prodigio de trabalho. Recordava, com ternura, a Hortencia o seu papel de anjo consolador junto da padroeira daquella obra humanitaria e civilisadora, as suas horas de lição, os seus passeios pelo campo, as excursões no seio mysterioso da floresta, as ascenções aos pincaros das montanhas, todos os incidentes daquelle periodo venturoso, em que a menina fragil se expandira, numa exuberancia de graça, de vigor.

Toldado o semblante por um véo de melancolia, como se a saudade a transportasse áquella quadra feliz da sua vida, Hortencia acolhia commovida as palavras do moço, a lhe caírem no coração como gottas de um elixir maravilhoso, de um nectar estranho a inebriar-o, suavemente, num delicioso movimento de curiosidade temerosa; conduzindo-o pelo declive suave da phantasia a commoções indefinidas, vagamente percebidas nos seus sonhos innocentes, á proximidade de coisas bellas e terríveis, como os precipicios das montanhas que a attraíam com fascinação irresistivel, quando ella os contemplava, debruçada nas aréostas cortantes. O seu coração se encolhia medroso á impressão da voz de Sergio, e se lhe renovava na memoria a idéa

vestigiosa do abysmo subindo a tragal-a, do desejo de precipitar-se ao encontro d'elle, numa queda sem fim, como no epilogo de um pezadêlo.

E Sergio continuava a falar com a eloquencia inspirada pela recordação das commoções sinceras, dos costumes ingenuos, da doce barbaria dos obscuros habitantes daquelles sertões admiraveis. Recordou a Hortencia o padre Paulo, tão simples e tão desprezado de superstições, de preconceitos, isolado como um apostolo, no meio dos vicios, das paixões, das intrigas, da falta de cultura da gente superior, dos mais notaveis, dos mais ricos naquellas paragens remotas, onde os influxos da civilização chegavam deformados, incompletos, privados das suas energias restauradoras, como se passassem através de uma atmosphera intoxicada pelos detrictos da ignorancia, pelos vestigios de selvageria, accumulados na quietação de um abandono secular.

Amelia tinha arrepios de horror e de repugnancia á impressão da vida da roça, pintada com as côres cruéis da verdade; não lhe percebia os encantos; sómente as deformidades, as asperezas se destacavam ao seu espirito superior e frio; figurava-se-lhe percorrer com o seu porte de castellã, dominada por uma tristeza mystica, as devêzas agrêstes pelo sólo barrento, empoeirando-lhe a camursa dos sapatos esguios sob sol esplendoroso, doirando os cannaviaes, dando tons afogueados á payzagem, mordendo-lhe a cutis assetinada, pelas devêzas sombrias de ramos aggressivos a lhe açoitarem as mãos, a se fixarem com os espinhos terriveis ao *linon* da saia leve, obrigando-a a marchar, lentamente, a esbarrar a cada momento, a se curvar, a se torcer, a perturbar a elegancia altiva do seu porte de prínceza, para se desgarrar dos iusistentes, dos terri-veis obstaculos oppostos pelos frageis galhos, para evitar a chuva de flôres e de orvalho com que a salpicavam, numa irreverencia brutal.

E a gente, os costumes! Amelia não podia perceber nenhum traço de belleza nas mulheres, moças morenas, de grandes olhos ingenuos, lubrificadas de volupia, de contornos vigorosos, modelando-se, despudoradamente, sob as vestes ligeiras; nas matronas, rodeadas de filhos, suspendendo aos seios nús, entumecidos, creanças avidas; nos homens, rapazes fortes sujos de pó, de lama, cheios de detrictos do trabalho, calças arregaçadas, camisas rôtas, exhibindo, numa nudez obscena, musculos salientes, a se contorcerem ao menor movimento, como serpentes vivas colleando sob o involucro da pelle tostada pelo sol; velhos ainda fortes, ou macrobios envergados, quasi esqueleticos, numa decrepitude repugnante como cadave-

res animados por um fragil e vacillante lampêjo de vida; creanças imprudentes, estatelladas de admiração, deante das pessôas estranhas, como ante creaturas exóticas, numa contemplanção idiota.

Amelia relembra, com horror, a entonação dissonante da vóz da gente da roça, a linguagem que lhe arranhava o ouvido, ôca, sem idéas, monotona, insupportavel, repisando o terrivel logar commum dos mesmos cumprimentos, das mesmas queixas, das mesmas descrições de coisas e factos triviaes.

Para ella, todas essas monstruosidades se reproduziam attenuadas, ligeiramente, pela imperfeita educação, nas classes superiores, expostas á convivencia, ao contacto permanente com a gente do campo. Entre cem senhoras dessas, que deslisam pela rua do Ouvidor, como flôres arrebatadas por uma torrente, se destaca, immediatamente, uma moça da roça, embóra lhe não falte formosura, embóra vestida ao derradeiro apuro da elegancia e da riqueza.

Laura discordava, inteiramente, da irmã mais velha, que respeitava como uma santa. Ella aspirava viver em plena liberdade, num sitio agreste, onde não fôsse preciso mudar de *toilette*, duas ou trez vezes por dia, nem pentear os seus profusos cabellos castanhos, dando-lhe fórmulas absurdas; um sitio sem gente de cerimonia, onde pudesse evitar o cilicio do espartilho, das saias estreitas, das luvas, das botinas, das attitudes verticaes, correctas, das maneiras estudadas, impostas pela imitação ou ensinadas pela mãe e pela irmã, em constantes observações meigas ou severas. E falando dessas torturas da civilização, numa expansão sincera do seu temperamento puro de mulher primitiva, ella mostrava o pequenino pé prisioneiro numa implacavel botina de pellica, batia nos quadris rijos, abarcava a cintura, os seios e o collo num gesto de desafogo, suspirando numa tentativa de libertamento, como se a sua alma e o seu corpo se asphyxiassem estrangulados naquella deliciosa prisão de linhos, de barbata- nas, de sedas.

Hortencia sorria; Amelia franzia os sobrolhos, endireitava-se em geitos de censura á adoravel ingenuidade da irmã, que parecia não haver comprehendido ainda o seu papel de senhora da alta sociedade.

(Continúa).

“Os Annaes”

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do primeiro e segundo trimestres d' OS ANNAES

HOMENS E COISAS DOS ESTADOS

O POETA BOMFIM SOBRINHO

Em memoria desse poeta cearense, que morreu, precisamente, nesta data, ha cinco annos, recebemos do Ceará a seguinte nota, a que não falta o merito de provar, com excellentes versos, o talento do seu mallogrado auctor:

Nasceu José da Silva Bomfim Sobrinho aos 19 de março de 1875, tendo por berço a cidade da Fortaleza. Fôram seus paes: Luiz de França da Silva Bomfim e d. Virginia de Campos Bomfim, que pouco tempo sobreviveu ao nascimento do filho.

Alma bôa e inoffensiva, enclausurada num corpo frauzino e indolente, possuidor de bellos dons de intelligencia, espirito impressionavel e nervoso, Bomfim Sobrinho era por natureza um *triste*, em toda a extensão deste vocabulo. Os versos que escreveu são quasi todos sombrios e cheios de uma inspiração sentimentalmente dorida e maguada. *Noivado funebre*, por exemplo, soneto que fez como que epocha no meio litterario cearense e que sempre vem á baila quando se fala do sonhador que o burilou, não desmente o que affirmo:

NOIVADO FUNEBRE

(Do canhenho de um triste)

Negra tristeza meu semblante encova
O' noiva amada, lyrio meu fanado!
Porque não vamos na nudez da cova
Em cyrios celebrar nosso noivado?

Nos sete palmos desse leito amado,
Ao frio bom de uma volupia nova,
Ha de embalar o nosso amor gelado
O coveiro a cantar maguada trova.

E os nossos corpos, gelidos, inermes
Em demorados e famintos beijos,
Serão depois roídos pelos vermes...

E do leito final que nos encerra
Em plantas brotarão nossos desejos,
E o nosso amor em flôres sobre a terra.

Peccadora, outro soneto vasado no mesmo cadinho do *Noivado funebre*, não alcançou a popularidade deste; entretanto, não lhe é inferior:

PECCADORA

Levou-te a morte ao ultimo desterro,
Remôta estancia azul na eternidade.
Gemeu em funeral minha saudade,
No cortejo final do teu enterro.

No cemiterio junto desse aterro
Que sobre ti fizeram, sem piedade,
Disse-me alguém que tua mocidade
Fôra na vida dissipada em erro.

Lembro-me, sim, que, teu caixão fechando,
Vi-te as mãos postas, como se, rezando,
Tivesses fenecido arrependida...

E nelle, fria, hirta, inteiriçada,
Dormias para sempre, amortalhada,
Sonhavas para sempre adormecida,

Poucos são os versos de Bomfim Sobrinho que não tenham esse cunho luctuoso, deixando de vibrar nelles a nota profunda da melancolia que lhe avassalava a «alma sonhadora e torturada». Neste caso, com accentuado lyrismo — fresco e suave — estão as suas

TOADILHAS

Os labios mentem
Os olhos, não.

BOCAGE

Na vida agitada ou calma,
Cheia de flôres e escollhos,
A alma é a luz dos olhos
E os olhos espelhos d'alma.

Da acerba dôr nos resabios
Que nos ficam torturando,
O que não dizem os labios
Dizem os olhos chorando!

Nas violencias do crime
Ou na colera suprema,
Se a voz humana blasphema,
O olhar desespero exprime.

Na discordia, que destôa
Da meiga e serena paz,
Se a nossa bocca perdôa
Os olhos perdôam mais.

Quando afinal resvalamos
De uma paixão na voragem,
Como é tão doce a linguagem
Dos olhos de quem amamos!

Fico indeciso em convir
Que Deus nos quizesse dar
A bocca para sorrir
E os olhos para chorar.

Os olhos riem, e por Deus
Que não ha riso mais lindo,
Riem meus olhos dos teus
Se acaso os teus estão sorrindo!

Beijos, muita phrase louca,
Risos, tua bocca enthesoira,
Mesmo assim, formosa loira,
Não creio na tua bocca.

Desde os intimos refólhos
De meu coração, eu sinto,
Que só creio, flôr, não minto,
Que só creio nos teus olhos...

Se eu deixar transparecer
Que te amo com effusão,
Pelos olhos pôdes crêr,
Mas aí, pelos labios, não...

Sim, crê nos olhos sómente,
Porque entre a humanidade,
Se ás vezes a bocca mente,
Os olhos dizem a verdade.»

Bomfim Sobrinho foi um dos fundadores do *Centro Litterario*, ao lado de Juvenal Galeno, Themistocles Machado, Papi Junior, Farias Brito, Ulysses Sarmiento, Jovino Guedes, Pedro Moniz, Vianna de Carvalho, Otacilio de Oliveira e Alcides Mendes.

Quando, aos 19 de fevereiro de 1899, eu, Leonardo Meira, Octavio Mendes, Jovelino de Souza e Gervasio Nogueira fundámos a *Bohemia Litteraria*, que nascia para trabalhar em prol da evolução espiritual do Ceará, tivemos-o tambem connosco, sorrindo nas mesmas deliciosas illusões.

Moirejando na imprensa indigena, Bomfim Sobrinho deixou vestigios de sua passagem por ella no *Diario do Ceará*, *Ceará* e *O Estado*, de Fortaleza; no *Amazonas Commercial*, de Manáus, onde esteve, creio, em 1896; e, n' *A Provincia do Pará*, de Belém, que lhe foi o ultimo posto de luctas jornalisticas.

Vivendo, pôde-se dizer, incomprehendido, pobre, luctando com difficuldades muitas, depois de ter servido na politica, (que na phrase de Olavo Bilac — «ha de sempre ser, em todos os paizes e em todos os tempos, uma grande trapalhada») como legionario de um partido opposicionista que não lhe pôde dar nada, dando-lhe dissabores que soffreu em vinganças mesquinhas praticadas por pequenos inimigos gratuitos, Bomfim Sobrinho viu-se na contingencia de emigrar, indo procurar noutra terra o que não podia conseguir na sua. Seguiu para o norte. Em Belém do Pará, encontrou collocação, e, infelicidade suprema! — ali havia de ter o tumulo, fallecendo num hospital, na manhã de 22 de junho de 1900, com pouco mais de 25 annos de idade, victimado por uma febre palustre.

Tinha em preparo dois livros: *Musa Triste*, versos, e *Grinaldas*, balladilhas e contos.

Depois da morte de Bomfim Sobrinho, o *Centro Litterario* alvitrou a idéa de mandar vir da terra paraense, os despojos do poeta, o que não chegou a acontecer.

A idéa, sobre ser nobre, era digna, devendo ainda o *Centro Litterario* reunir os versos esparsos pelos jornaes e revistas em que collaborou o visionario do *Noivado funebre*, publicando-os em um volume, revertendo o producto da venda na erecção de um mausoléu em sua memoria no campo santo da gleba amada onde nasceu. Assim fizeram os amigos do não menos desditoso Barbosa de Freitas.

SOUZA PINTO.

CIFRAS CRIMINAES DO CEARÁ

Quetelet, o genial creador da estatistica moral, debruçado sobre montões de listas de criminalidade, descobriu — « que se pôde prever numero certo de crimes em periodo remoto, especializando-os mesmo, como o numero de nascimentos e casamentos »; (*Physique Sociale*) que nas estatisticas da Europa — «o maximo de verão e o minimo de inverno contra as pessôas coincidem com o minimo e o maximo respectivos nos crimes contra a propriedade »; que os crimes de sangue crescem nos climas quentes e diminuem nos frios ».

E' a ultima asseveração da geographia do crime. Paradoxos, — isto é, opiniões contrarias ao modo geral de ver, parecendo grandes novidades, mas apenas simples observações dos factos, verdades resultantes do accumulo de cifras. E' já opinião, que, pela idade, tem cabellos brancos, sempre confirmada, dia a dia, que Lombroso — o fundador da anthropologia criminal, o primeiro dos psychiatras da actualidade, ratifica nestas palavras: « cremos que o numero cotado de crimes é sempre o mesmo, quando as circumstancias externas são identicas: os roubos crescem nos tempos da fome, os estupros nos bons annos ». (*Anthropologie Criminelle* 4.^a ed., 1891, pag. 57.)

Estava iniciado fecundissimo estudo, de largos resultados, na evolução humana.

O Creador desbravou o caminho e por elle enveredaram sabios, que fôram comprovando as cifras vistas.

A estatistica aponta á sociologia criminal os factores da criminalidade.

Esta, aparentemente a mais arbitraria, é, como tudo no velho planeta, submettida a leis rigorosas, que pouco a pouco vão sendo apprehendidas.

Na França, (Joly) diminuem os crimes contra as pessôas e augmentam os contra a propriedade.

E aqui entre nós? Dá-se a inversão quanto ao augmento ultimo. Porque?

O crime, o phenomeno proteico como o direito, varia de povo a povo, de epocha a epocha. Transforma-se, modifica-se, cresce, decresce, qual o seu companheiro de outra banda — na estrada da vida.

A sua concepção nos codigos da antiguidade, nos velhos legisladores, era muito diversa da de hoje, que desconhece a idéa innata da justiça, imutavel no tempo e no espaço.

Para os espartanos não eram crimes o aborto e o infanticidio. Na Lacedemonia considerava-se predicado de relevo um roubo engenhoso. Não o era a pederastia nem a pirataria em Athenas.

O que era outr'ora muita vez uma virtude, um direito — é no seculo 20, ou já de ha muito, um crime.

A morte dos velhos paes foi até um dever de piedade filial. Mais tarde, os romanos não apontavam na sua lei criminal o parricidio — por parecer-lhes impossivel a monstruosidade.

Nas primeiras sociedades observadas entre os selvagens, a criminalidade não existe. Ha apenas offensa e vingança. Mais tarde, nos povos que entram dentro dos muros da historia ainda um assassinato não era um crime.

Conta-nos Homero que se offerencia uma compensação por um homicidio,

cura das folhas do livro de réos respectivos da secretaria de Justiça do Ceará.

A lei não foi revogada, nem de todo esquecida. Os secretarios da Justiça reclamam, em seus relatorios annuaes! Em vão! Não são ouvidos!...

Obediencia á lei, á auctoridade... fóra da moda, estranha aos novos moldes!... — Muito a proposito.

Pompeu-Senior, o nosso douto estatístico, tratando dos dados da população da provincia em 1857, affirmou estarem estes algarismos muito abaixo da verdade; excepto, talvez, o de 1813 por ser do arrolamento mandado levantar pelo governador Sampaio — “em tempo em que havia muito respeito á auctoridade”.

Que saudades desses tempos longiquos de 90 annos atrás.

O inelyto estatístico vivia, alta noite, preso á meza do trabalho, folheando alfarrabios, consultando livros novos, encarando o nosso movimento para a frente em todos os aspectos—reduzir as forças cearenses em todas as suas faces a cifras—que ahi ficam.

Eusiuou-nos, ha velho meio seculo, a rica lição da estatística — espelho fiel a reproduzir as dimensões da vida cearense, todos os matizes do nosso desenvolvimento. O seu livro, um manancial de dados, ahi está muito lido pelas traças, sem imitação, sem consulta, sem proseguidores.

Não pegou a lição, porque demandava qualidades possuidas por poucos da pertinacia do velho publicista.

A sua *Estatística do Ceará* é uma nitida photographia numerica do Ceará, no período estudado. O austero estatístico leu a actividade cearense em todas as suas relações; estatisticou-a em todos os sentidos e fez um livro que não envelhece.

Meditou a nossa justiça criminal; reduziu-a a cifras e tirou as suas inferencias com a presciencia do homem que vê claro no escuro dos problemas que lhe atolham o caminho.

Nos 12 annos esquadriados, arrolaram-se 2886 réos, dando uma média annual de 222.

Ora, calculando a massa dos réos com a população média de então. ... (420:000) verifico que por cada 100.000 habitantes, ha uma média de 55 réos.

Os 2886 réos praticaram 2952 crimes; média annual: 227 ou 1 por 727. Cálculo em 56 por cada 100.000 habitantes.

Nos 13 annos, o termo médio dos crimes submettidos ao jury montou a 228; regulando 1 por 1,82 hab.; ou 57 por cada 100.000 hab. No mesmo período fóram praticados 2881 crimes particulares (Cod. de 30); termo médio: 198 ou 1 crime por 100.000 hab.

Naquelles annos, affirma o eminente homem de gabinete, os crimes íam em linha ascendente — dizendo dever-se

então attribuir a maior repressão que a maior perversidade.

Comparado aquelle período com o observado por Clovis, vem á tona a notavel diminuição na massa dos crimes — proporcional á população. O crime desce a escada em bem da segurança da vida e da propriedade.

Apuron Clovis, com dados poucos e incompletos de 1875 a 1890—o ultimo período do velho regimen—que a produção delictuosa declinava, decaía.

Sim. As medidas de segurança estorvavam-lhe a efflorescencia—o terreno mirrava-se-lhe e a vegetação estirolava-se.

E’ o facto propicio.

Comparo os dois períodos: Pompeu e Clovis; colloco-os um a par do outro e verifico a radiosa exactidão do asserção do ultimo publicista.

Volto ao interrogativo levantado após a opinião de Joly — do inicio destas linhas: o decrescimento de crimes contra as pessoas paralelo ao crescimento dos contra a propriedade. E aqui entre nós?

Dá-se uma inversão.

Porque?

Os crimes de cá originam-se dos mesmos factores dos de lá. São estes, porém, lá diferentes; actuam de outro modo. Dahi, o desvio, notado á flôr da observação.

A lei do meio diversifica as condições e, portanto, as estatísticas do velho mundo e do nosso pequeno e obscuro canto.

A rudeza do conflicto vital tem lá arestas agudissimas, não encontradas no nosso—onde sobra espaço á actividade.

Por isso, o crime contra a propriedade, que avulta lá, na estreiteza do meio, aqui mingua, quasi desaparecendo na confrontação dos contra as pessoas.

A secca—peculiaridade cearense—bóle fundamentalmente com todo o nosso organismo, sacode-o, abala-o desde os seus primeiros tijollos nos fundos do alicerce; mas se a lucta pela vida é então mais desabrida e inclemente, se o direito de conservação se faz mais exigente e transpõe as suas fronteiras, invadindo terreno alheio, para contrabalançar esta anormalidade, que é, aliás, a nossa normalidade, a *selva escura* da nossa evolução, vem a emigração, que é o elemento purificador do nosso ambiente, como, com olhos muito vedores, opina o nosso sabio Clovis Bevilaqua.

E’ a seguinte a massa dos crimes (C. Cod.—30) e tambem a porcentagem por cada 100.000 habitantes nas dezenas do ultimo meio seculo:

1850	—	350	—	(350 hab.)	52 %
60	—	251	—	(500 »)	50 %
70	—	259	—	(700 »)	35 %
80	—	130	—	(750 »)	18 %
90	—	231	—	(900 »)	25 %

Homicidios: a porcentagem respectiva nas mesmas decadas:

50	—	77	25 %
60	—	114	38 %
70	—	47	6 %
80	—	30	4 %
90	—	37	4 %

Ainda distribuida a produção criminosa por crimes contra as pessoas e crimes contra a propriedade, e ainda a porcentagem:

1ª categoria		2ª categoria	
50	131 — 43 %	27	— 9 %
60	225 — 45 %	26	— 5 %
70	243 — 34 %	16	— 2 %
80	97 — 13 %	34	— 4 %
90	171 — 19 %	60	— 6 %

Ora, destas cifras salta ao olhar mais rapido, a depressão dos crimes em ambas as séries. Ao menos, é esta a trajectoria da produção criminosa na ultima metade do seculo XIX, graças ás medidas de segurança, e o nosso caminhar vagaroso, mas evidente e firme, para a luz!

O tetrico drama do crime nunca teve, entre nós, essas scenas sensacionaes, que assombram nos romances, em outras éras, em outras terras. Mas, como por parte, aqui tem agasalho desde o primeiro povoamento.

As datas de terra fóram pomas de discordia. Eucheram o seculo XVIII luctas ferocissimas de familias de tradições heraldicas.

A terra não conta esses horrores, que enluctam paginas e paginas da historia de outros povos. Mas os homens de cá têm carne e sangue, cabeça e coração, todas as vehemencias de sua animalidade e conhecem o crime, que tem feito a sua evolução, como por toda a parte, obedecendo as leis geraes do seu desenvolvimento.

J. Brigido, o erudito historiographo cearense, indaga e discute os factos da evolução cearense. Não fica ahi o seu modo de ver o problema historico. Pinta com as côres só de sua penna imaginosa e verdadeira, dando ao acontecimento visto, discutido e pintado, o seu verdadeiro significado no tecido da evolução. Olha para as primeiras decadas da vida cearense e dá-nos quadros primorosos, palpitantes no tocante ao assumpto de que me occupo.

Buffon com um osso de animal antidiluviano, reconstruía-o todo. J. Brigido, olhando através dos documentos de uma epocha, refal-a toda, de modo a gente apalpar-lhe as scenas, os actos, os semblantes, os gestos, que tumultuavam então...

Houve, entre nós, o que J. Brigido chama «as guerras de familia», algumas notaveis na primeira metade do

seculo XVIII. Nomeia os protogonistas, que elle, nos seus paineis, risca do tamanho natural. Que quadro horriavelmente bello, bellamente horrivel—o «caso funesto do Boqueirão»? ! E ha out:os, que se approximam da grandeza deste !

Candido Motta, um espirito emancipado e muito investigador, que lá está em S. Paulo fazendo honra á nova corrente scientifica, estudoumeticulosamente a justiça da capital de S. Paulo, em 1894. De suas notas verifíco que naquelle anno 132 crimes violentos fôram praticados e cupidos 64, o que confirma, naquella capital adeantada e de população muito espessa, a lei averiguada por Pompeu e Clovis no meio cearense.

Portanto, do confronto deste monte de cifras, saltam as vantagens conquistadas de segurança de vida e propriedade.

E' bom notar que, emquanto as diversas especies de crimes decrescem, a de furto deu, em 80, 10%. E' um facto anormal.

Contrapõe-se para explicar este, afastamento da regra, ter sido 80 o final da grande secca de 77 a 79, que assolou a provincia de modo tremendo, anormalizando, desmantelando tudo, espatifando quanto ia caminho certo na vida.

E o chefe de policia de então entendia dever ser levado á conta da secca este augmento fóra de villa e termo.

Para ultimar o estudo das cifras, devo dizer que pouquissimo se colhe a respeito, de 90 a esta data. Nos ultimos relatorios dos promotores de Justiça ao procurador geral do Estado, incompletos, sem individuação, sem as discriminações precisas, posso calcular, nestas bases incertissimas, uma média de 35 a 40 homicidios, o que equivale a 4% por 100.000 habitantes, mantendo-se, quanto a esta especie, a mesma porcentagem de 80 e 90. Dos demais crimes, é impossivel qualquer aproximação.

E para o ultimo ponto renovo o meu appello ao governo para, levando em conta o alto valor da estatística, fazel-a uma realidade.

PEDRO DE QUEIROZ.

Está preocupando a Camara um assumpto muito grave, sempre tratado, anteriormente, com a futilidade, a falta de preparo e o máu humor, que inspiram essas maçadas da alta administração do Paiz, questões que demandam esforço ao cerebro, a tortura dos calculos, a estopada dos exames de estatística, questões que não

offerecem largo campo aos improvisadores fecundos, nem pódem ser estudadas entre dois cochilos, entre as recordações das noites deliciosas passadas no Cassino, nos Clubs de jogatina, nos antros de tavolagem, no atordoamento do champagne, da melodia cosmopolita das vózes de *cocottes* seductoras, rescendendo aos perfumes capitosos dos amores que se vendem.

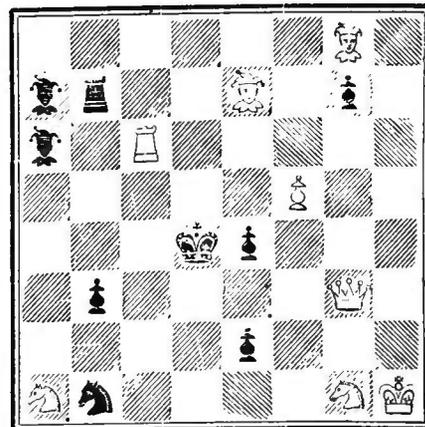
Nesses traídores sitios de prazer não se colhem noções de economia politica, não se descobre porque a elevação inconsiderada do imposto produz diminuição da renda, nem porque dizia o marquez de Mirabeau que, em arithmetica aduaneira, dois e dois não fazem quatro, nem, finalmente, porque hão de os interesses economicos e financeiros da Nação inteira pagar os desastres da inepecia, dos erros, ou da incapacidade de alguns administradores. Em compensação, é, nesses sitios de reunião dos residuos da sociedade avariada, que se fazem as amizades mais proveitosas, as relações com os directores da politica, os porta-bandeiras dos corrilhos da politicagem que trazem do Cattete noticias fresquinhas e o calor do contacto com o grande, o supremo regulador das coisas e dos homens, e os altos funcionarios de policia, os quaes, nas horas vagas de preocupação pelo socego publico, vão allí espairer, velar para que «a podridão universal fermente, sem perturbar a paz tranquillamente».

Fixar tarifas de accordo com os interesses da producção nacional, do commercio é o trabalho mais serio que se possa exigir dos homens responsaveis pela direcção das coisas publicas, acabando definitivamente com o processo das pequenas reformas annuaes, insertas levemente na cauda dos orçamentos com os districtos de todas as pretenções, de todas as ambições incontinentes, protegidas pela politicagem. Libertar o productor e o commerciante das surpresas, das novidades que criam uma situação instavel, será um benemerito serviço á Nação, serviço que não poderá ser realizado pelo systema das protecções absurdas a industrias que não existem, tão pouco será effectuado com a propaganda em favor de interesses regionaes.

Folgamos em reconhecer que o deputado Paula Ramos levou á Camara, com eloquencia persuasiva, a nota do bom senso, do patriotismo, no discurso proferido na sessão de 19 do corrente.

DIVERSÕES

XADREZ
PROBLEMA Nº 6—G. Hachcote
PRETAS (8)



BRANCAS (9)—Mate em dois lances

PARTIDA Nº 6

GIUOCO PIANO

Branças (Steinitz)	Pretas (Bardeleben)
P 4 R	— 1 — P 4 R
C 3 B R	— 2 — C 3 B D
B 4 B D	— 3 — B 4 B D
P 3 B D	— 4 — C 3 B R
P 4 D	— 5 — P X P
P X P	— 6 — B 5 C D x
C 3 B D (a)	— 7 — P 4 D (b)
P X P	— 8 — C R X P
Roque	— 9 — B 3 R (c)
B 5 C R	— 10 — B 2 R
B X C	— 11 — B D X B
C X B	— 12 — D X C
B X B	— 13 — C X B (d)
T 1 R	— 14 — P 3 B R
D 2 R	— 15 — D 2 D
T D 1 B	— 16 — P 3 B D (e)
P 5 D (f)	— 17 — P X P
C 4 D	— 18 — R 2 B
C 6 R	— 19 — T R 1 B D
D 4 C R	— 20 — P 3 C R
C 5 C R x	— 21 — R 1 R
T X C x (g)	— 22 — R 1 B
T 7 B x (h)	— 23 — R 1 C (i)
T 7 C x	— 24 — R 1 T
T X P x (j)	— 25 — abandona

(a) O lance usual é B 2 D.

(b) Supponmos que era preferivel jogar 7..., C X P; 8 — Roque, B X C; 9 — P X I P X D, com melhor posição que aquella que resulta do texto.

(c) Se 9... C X C; 10 — P X C, B X P 11 — D 3 C e ganham.

(d) Parece que era preferivel R X B.

(e) Porque não T 1 B R, afim de jogar T 2 B e R 1 B?

(f) Um lance magnifico, como se verá

(g) Admiravelmente jogado. As P não pódem tomar a T com a D, por causa de T X T x. Se 22..., R X T; 23 — T 1 R; R 3 D (se R 1 D; 24 — C 6 R x e ganham) 24 — D 4 C D x, R 2 B; 25 — C 6 R x, R 1 C 26 — D 4 B R x e ganham.

(h) A posição é interessantissima. As não pódem tomar a D, nem com a T, nem com a D, por causa de T X T mate.

(i) Se 23..., R X T; 24 — D X D x e ganham, e se 23 —... D X T; 24 — T X T x ganham.

(j) Um fim de partida admiravel. E' como se effectúa o mate em 9 lances 25... R 1 C; 26 — T 7 C x, R 1 T (se R 1 B C 7 T x seguido de D X D x); 27 — D 4 T; R X T; 28 — D 7 T x, R 1 B; 29 — D 8 T; R 2 R; 30 — D 7 C x, R 1 R; 31 — D 8 C; R 2 R; 32 — D 7 B x, R 1 D; 33 — D 8 B; D 1 R; 34 — C 7 B x, R 2 D; 35 — D 6 l mate. (Notas do dr. Caldas Vianna.)

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 5: 1 — T 5 C I ad libitum; 2 — C ou D mate (9 variantes

JOSÉ GETULIO.